

COMO AS IMAGENS FUNCIONAM

Fundamentos da Composição



JACK USEPHOT

Volume 1

SOBRE A COMPOSIÇÃO

Quando falamos de composição, é importante entender, que estamos falando sobre como fazer coisas funcionarem juntas, e não só isso, mas devemos priorizar também a forma como esses elementos visuais são arranjados e se relacionam entre si dentro da cena. Precisamos criar uma certa organização, que defina uma ordem hierárquica para cada elemento na cena, e é importante dizer, que precisa haver equilíbrio, tanto de um elemento para com o outro, quanto na imagem como um todo, e isso a tornará agradável aos olhos do espectador.

É através da composição, que o artista cria um roteiro dentro da imagem, que guiará o olhar do observador através da cena, facilitando a compreensão da mensagem que o artista quis transmitir inicialmente, dessa forma, entendemos que a história da imagem é contada através dos guides de composição e não através da imagem em si mesma.

Com base nisso, podemos afirmar que, a composição deve convergir em direção ao roteiro (guides), e os guides levarão o espectador até a área de interesse da imagem, se eles funcionarem, desse modo, a leitura será agradável.

Um outro fator importantíssimo, é a forma como a composição irá entregar a mensagem ao observador. O ideal, é que isso aconteça da forma mais simples e rápida possível, justamente para facilitar a compreensão da imagem e transformar a leitura em uma experiência de imersão naquele mundo criado pelo artista. Acredite, quanto mais rápido o observador entender a história, melhor será a experiência dele durante a leitura. Entenda que, o fato da composição ser simples, não quer dizer que a imagem é simples em si mesma ou que a leitura será feita de forma rápida, e o observador não prestará atenção suficiente na imagem, não! Pelo contrário, após entender a história por trás da imagem, o observador passará o restante do tempo passeando pelos caminhos que os guides irão levá-lo, por quanto tempo lhe for agradável. Isso implicará fundamentalmente, no quanto a imagem funciona ou não, e lógico, quanto mais ela funcionar, melhor e mais agradável será o passeio (leia-se leitura).

Visão Seletiva

É fato que ao nos depararmos com uma paisagem incrível, teremos a nítida impressão, de que com um clique do celular ou de uma câmera fotográfica, conseguiremos capturar aquela cena real e obter uma foto tão bonita quanto, o que nem sempre

acontece, aliás, quando fazemos isso sem a referência da composição, quase nunca. É isso que chamamos de olhar fotográfico, na maioria das vezes. Isso se dá, por que o nosso olho enxerga as coisas de forma seletiva (hierárquica), dando prioridade e relevância para aquilo que é importante naquele momento.

É impossível olhar uma paisagem e ver tudo o que ela oferece ao mesmo tempo, por mais que tenhamos a sensação de que o cérebro processa o que vemos de uma forma equivalente, na verdade, o olhar está focado no que é mais bonito, ou chama mais atenção, ou ainda, no que é mais importante pra você naquele momento, e dessa forma, determina a hierarquia dos elementos da paisagem, tornando-a agradável.

Quando tiramos uma foto dessa paisagem - sem aplicar nenhum guide de composição, percebemos que a foto não é tão agradável, quanto aquela vista da beira-mar era, e isso por que a câmera, ao contrário dos olhos, não é seletiva ao gerar uma foto, sendo assim, os elementos dessa fotografia não possuem uma ordem de importância, o que os faz na maioria das vezes, brigar entre si pela atenção, impedindo que a história da foto seja bem contada, e como já disse anteriormente, isso é um problema.

Pra dar mais um exemplo de seletividade, podemos imaginar que estamos num show e nos perdemos de um amigo, neste momento estamos no meio da multidão procurando por ele. Nossos olhos são capazes de capturar tudo ao nosso redor, o palco, a banda, as luzes, enfim, quase tudo, mas nosso interesse está somente no rosto das pessoas presentes no show, na mente, temos somente o rosto do nosso amigo em questão, e enquanto andamos fazemos uma comparação mental do que temos na mente com os rostos, dessa forma, podemos reconhecê-lo em instantes assim que o virmos. Pensando nisso, é possível afirmar que a prioridade nessa cena são os rostos das pessoas, e todos os outros elementos e áreas tem menor prioridade e relevância.

O ponto é, mesmo que os nossos olhos sejam capazes de enxergar muitas coisas ao mesmo tempo, nós priorizamos o que queremos ver ou dar mais importância naquele momento, de acordo com a nossa vontade ou com o nível de importância do objeto observado, fazendo com que algo salte mais aos olhos do que o restante das coisas nesse ambiente.

Evitando as tangentes

No dicionário a palavra tangente significa 'aquilo que tange ou toca'.

Na composição o significado é parecido, pois trata-se do encontro entre dois elementos ou duas linhas, que quando encostadas ou próximas, geram um incômodo visual, resultando em desconforto e distração, que na maioria das vezes pode comprometer a leitura da composição.

Linhos paralelos quando muito próximas ou linhos que se cruzam, podem ocasionar coincidências estranhas e transmitir indecisão (sensação de que o objeto não está atrás e nem em frente do outro, de que o artista não tinha certeza do que estava fazendo, e por isso deixou aquele objeto 'jogado' ali, como se diz por aqui).

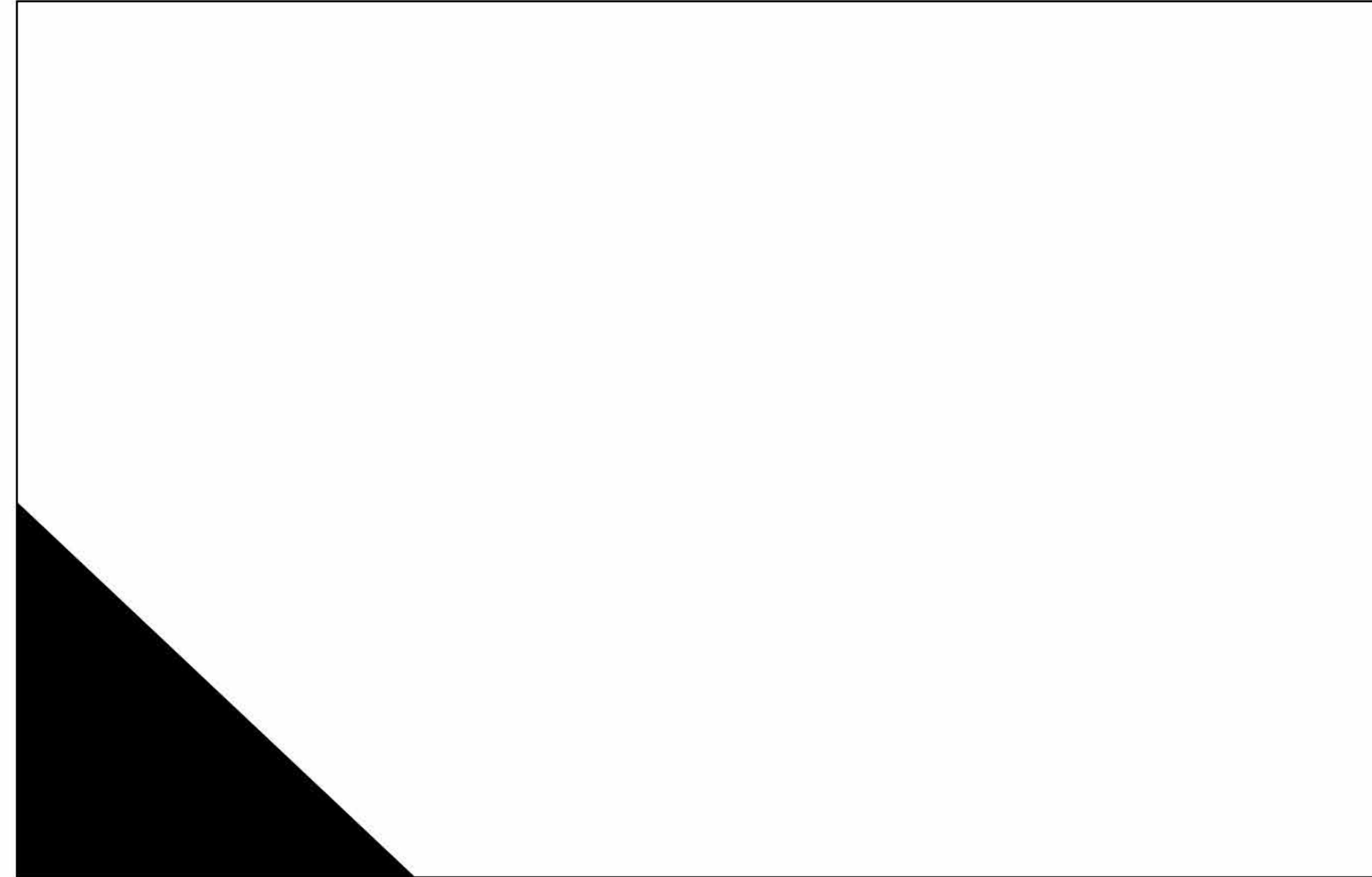
Durante o processo de composição, existem tantas coisas com o que se preocupar, que é relativamente comum, não prestarmos atenção a esses detalhes e cometermos falhas óbvias, momento em que as tangentes aparecem e com isso chamam atenção mais do que o necessário.

A maioria das tangentes pode ser facilmente evitada, no entanto, o ideal é que ela seja detectada no inicio do processo de composição da imagem, tornando mais fácil resolver o problema e substituir o asset se for necessário.

Para simplificar o entendimento, separei alguns exemplos com o objetivo de ilustrar as situações mais comuns de tangente. Veja a seguir:

ELEMENTO PRÓXIMO DO CANTO DO CANVAS

Concept



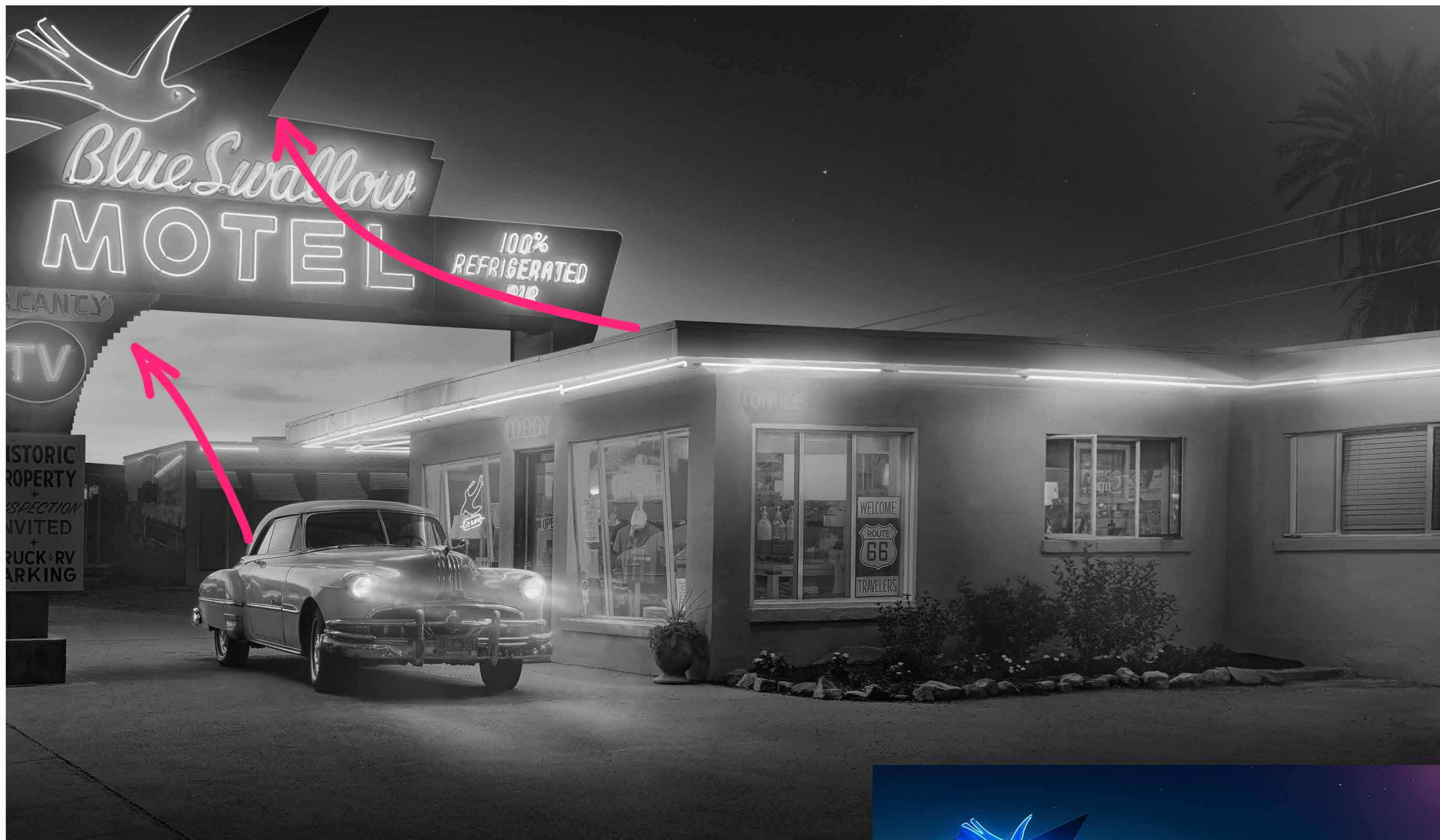
Exemplo Fotográfico



Posicionar elementos muito próximos dos cantos do canvas, é um erro muito comum. Também conhecido como 'respiro' no Design Gráfico, esse erro pode comprometer a leitura da composição, causando desconforto visual e também passar sensação de indecisão.

Abaixo temos um exemplo de tangente em uma imagem que criei, cropada e ajustada para ilustrar como seria se eu houvesse composto dessa forma.

Imagen do meu portifolio (Route 66 - 2017)

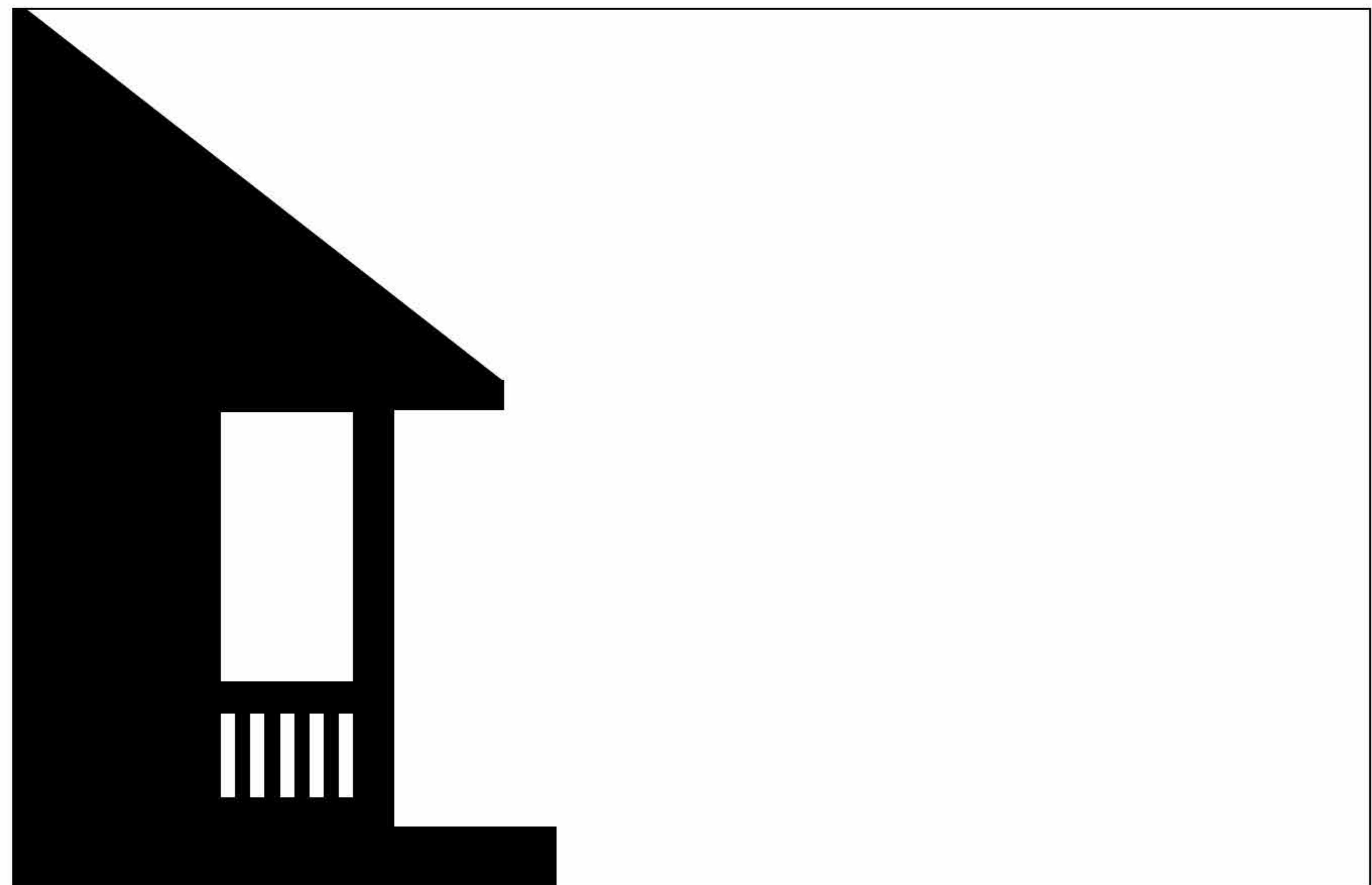


Original

FORMA SIMÉTRICA CORTADA PELA METADE

Nunca alinhe uma forma ou elemento como nos exemplos abaixo, quando uma forma simétrica é cortada ao meio pelo fim da área do canvas, o resultado é catastrófico para a composição, pois o nosso cérebro vai passar boa parte do tempo tentando formar a parte perdida do 'foguete', ao invés de receber a imagem captada pelos olhos e processar sua mensagem, atmosfera, mood e etc...

Concept



Exemplo Fotográfico

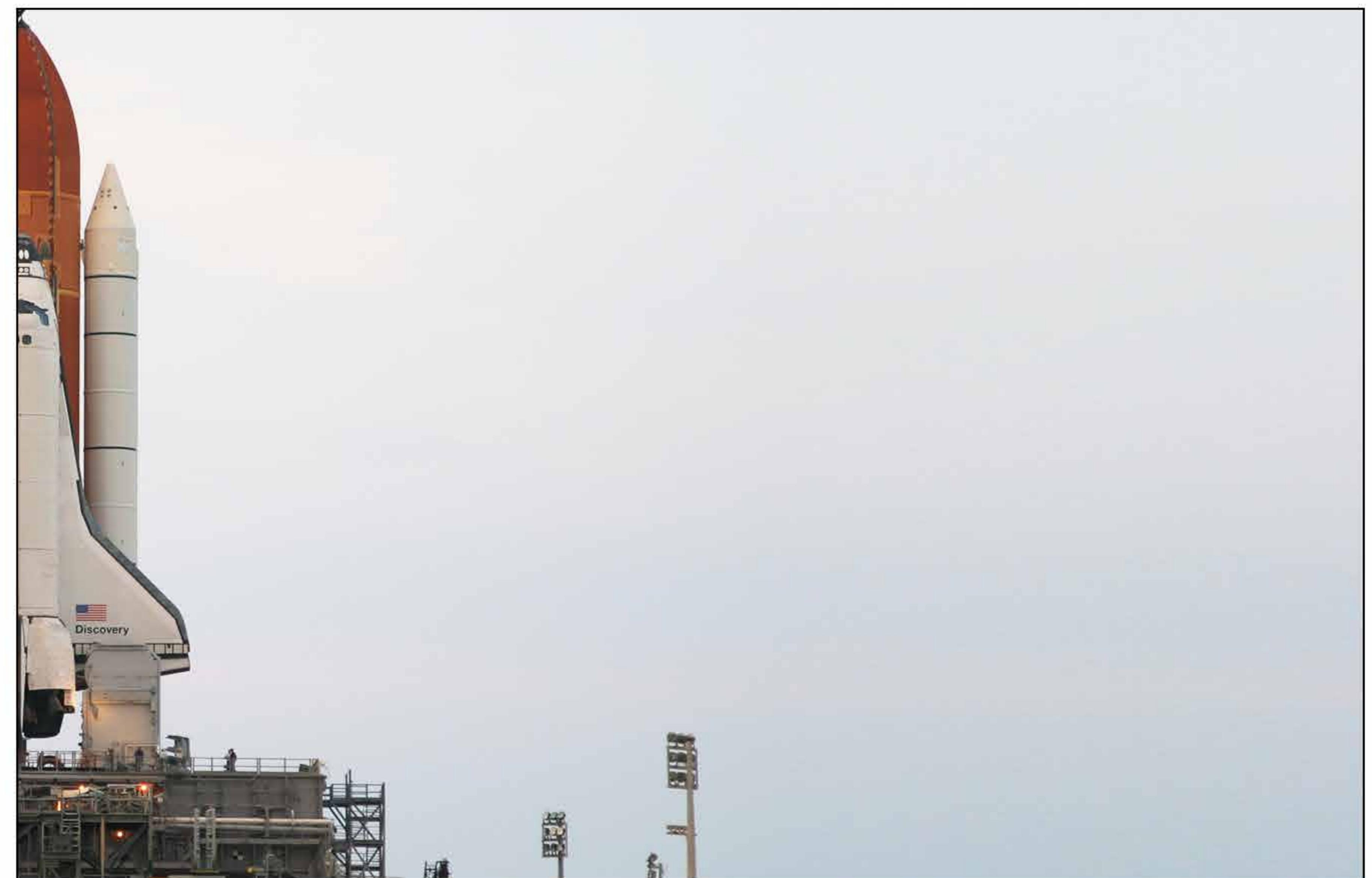
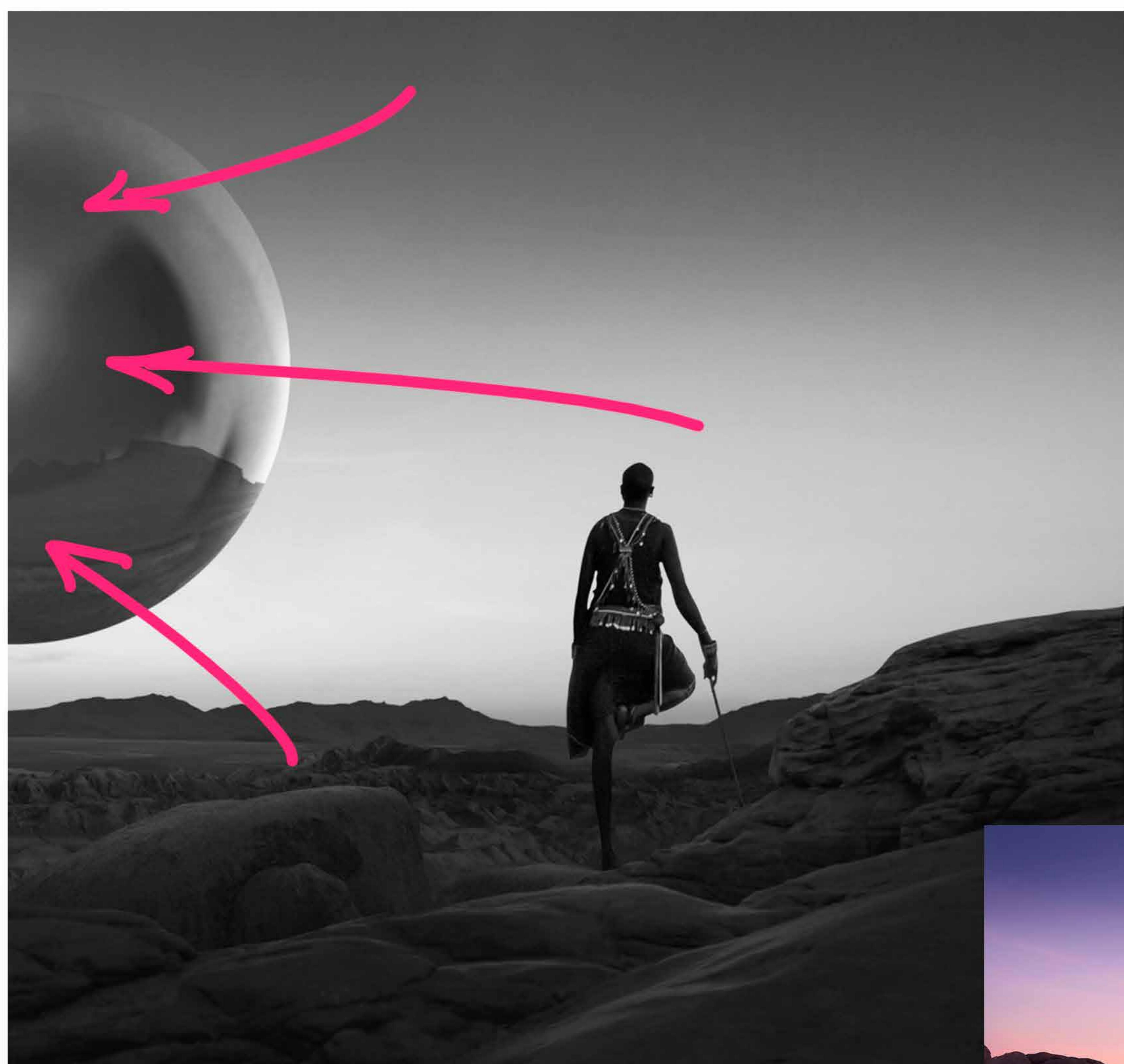


Imagen do meu portifolio (*Native Sphere - 2017*)**ARESTAS ENCOSTADAS** (ARESTA DO OBJETO ENCOSTADA NA ARESTA DO CANVAS)

Objetos alinhados muito próximos do fim do canvas, também se configuram tangentes e devem ser evitados. Além disso, existe outro problema, quando as linhas dos elementos geram traços paralelos ou quando as arestas do elemento e do canvas se encostam formando apenas uma linha.

Pra compreender melhor, veja os exemplos de tangentes abaixo.

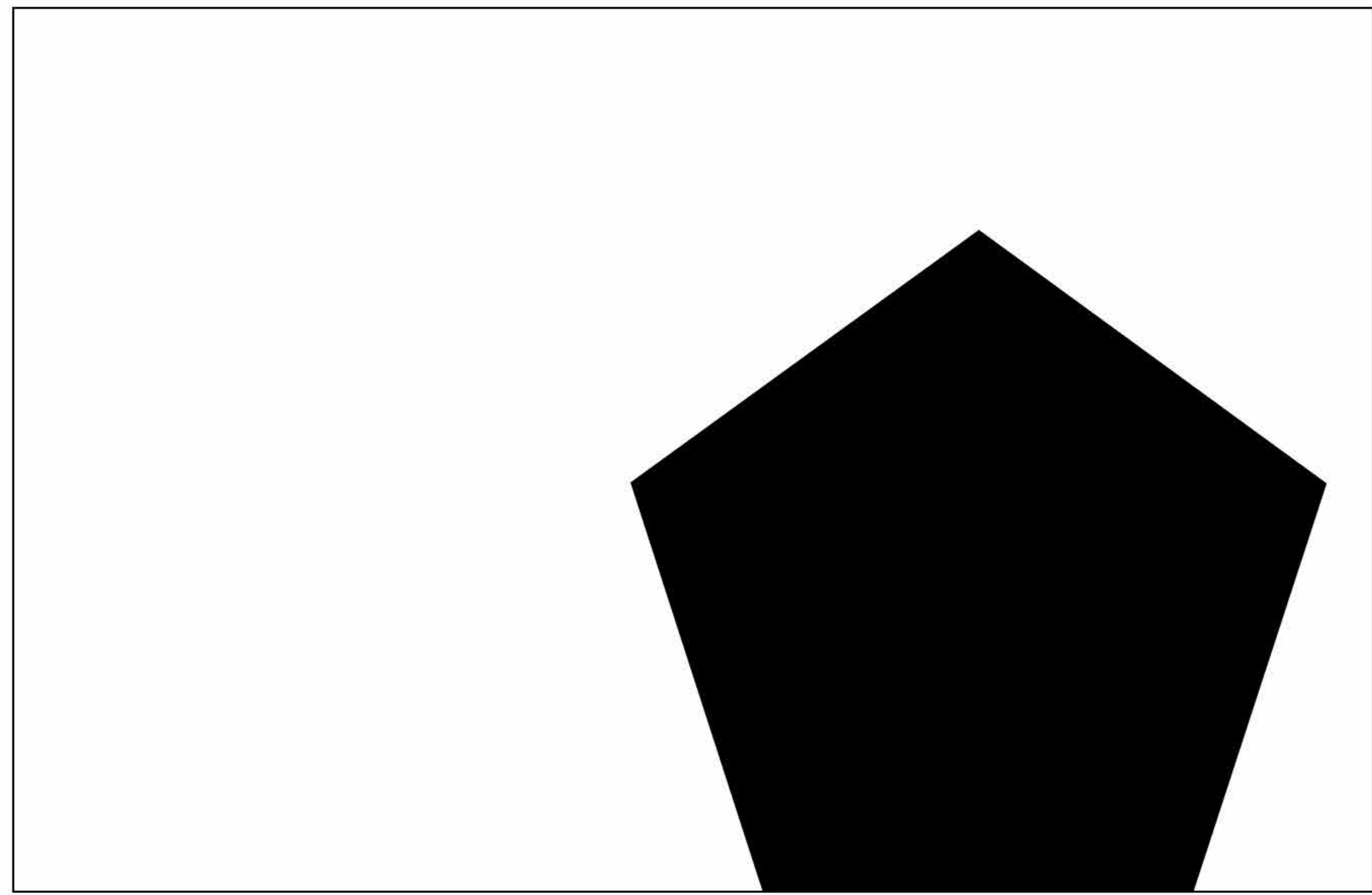
Concept**Exemplo Fotográfico**



Imagen do meu portifolio (*Pixomatic 2016*)

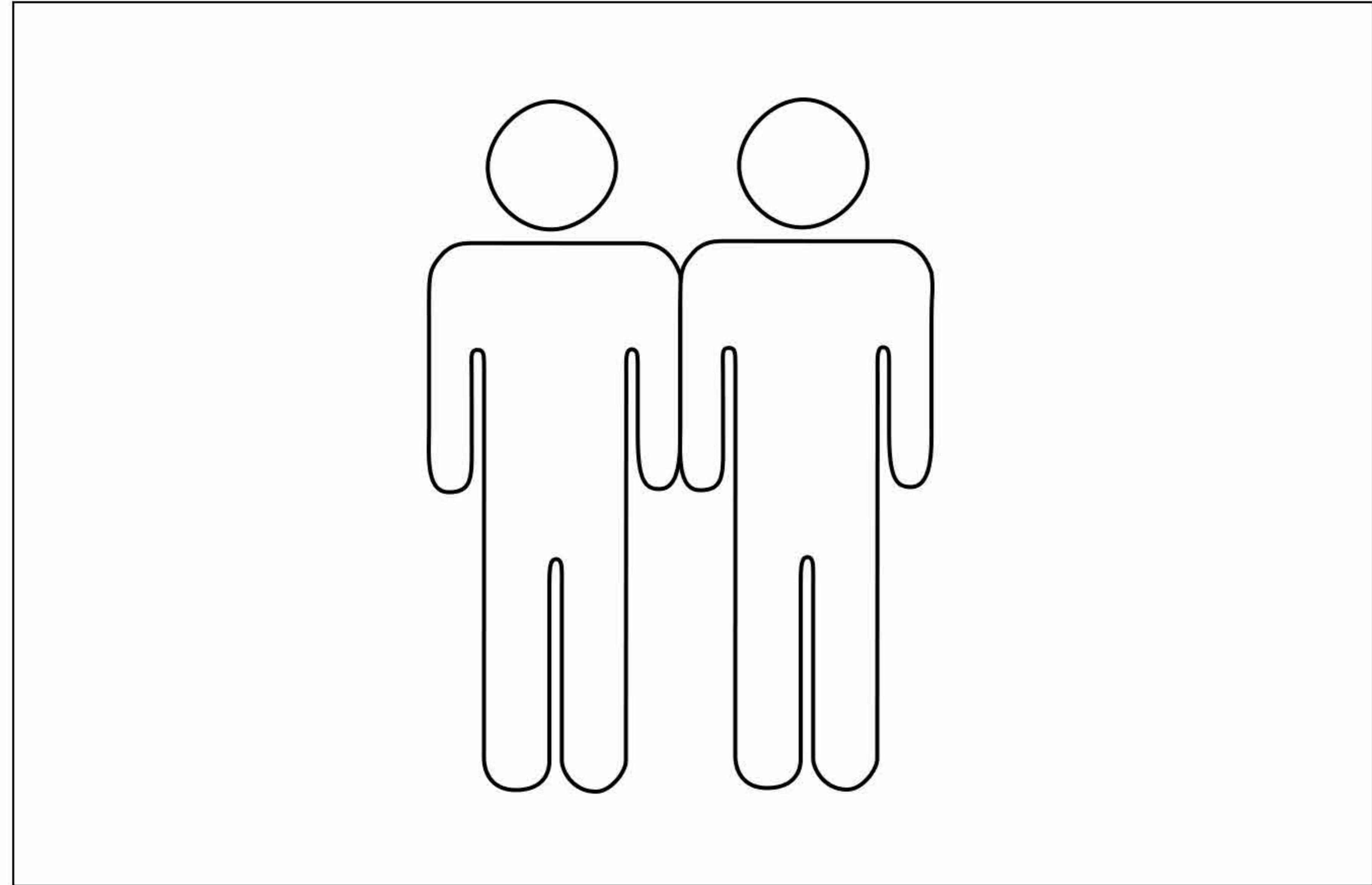


Original

ARESTAS ENCOSTADAS (ARESTA DO OBJETO ENCOSTADA EM OUTRO OBJETO)

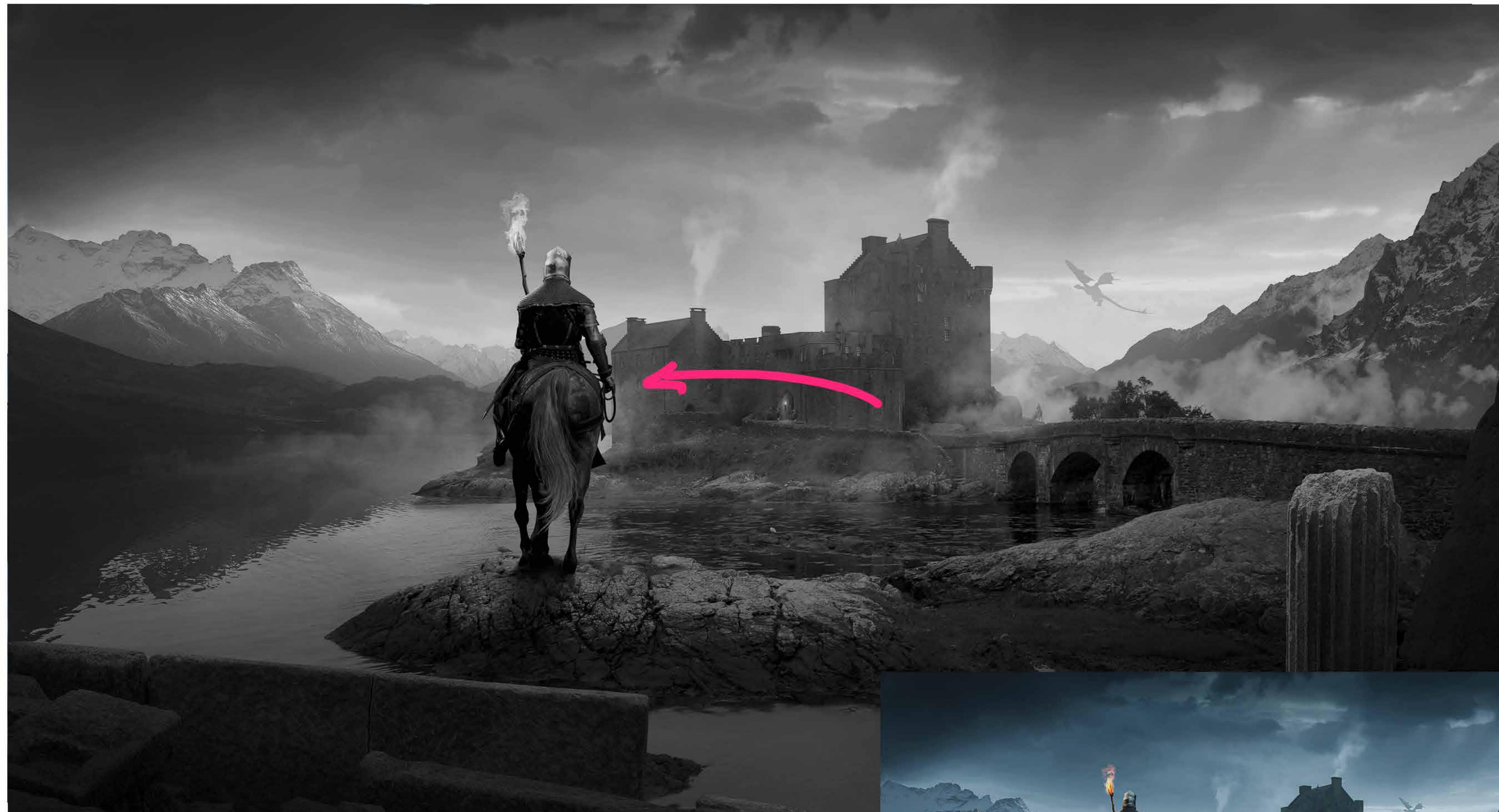
O problema da fusão das arestas também é visível quando alinhamos dois elementos tão próximos, a ponto de acontecer uma fusão entre as linhas das arestas dos dois, formando apenas uma. Se você for esperto vai seguir meu conselho. Veja os exemplos de tangente abaixo.

Concept



Exemplo Fotográfico



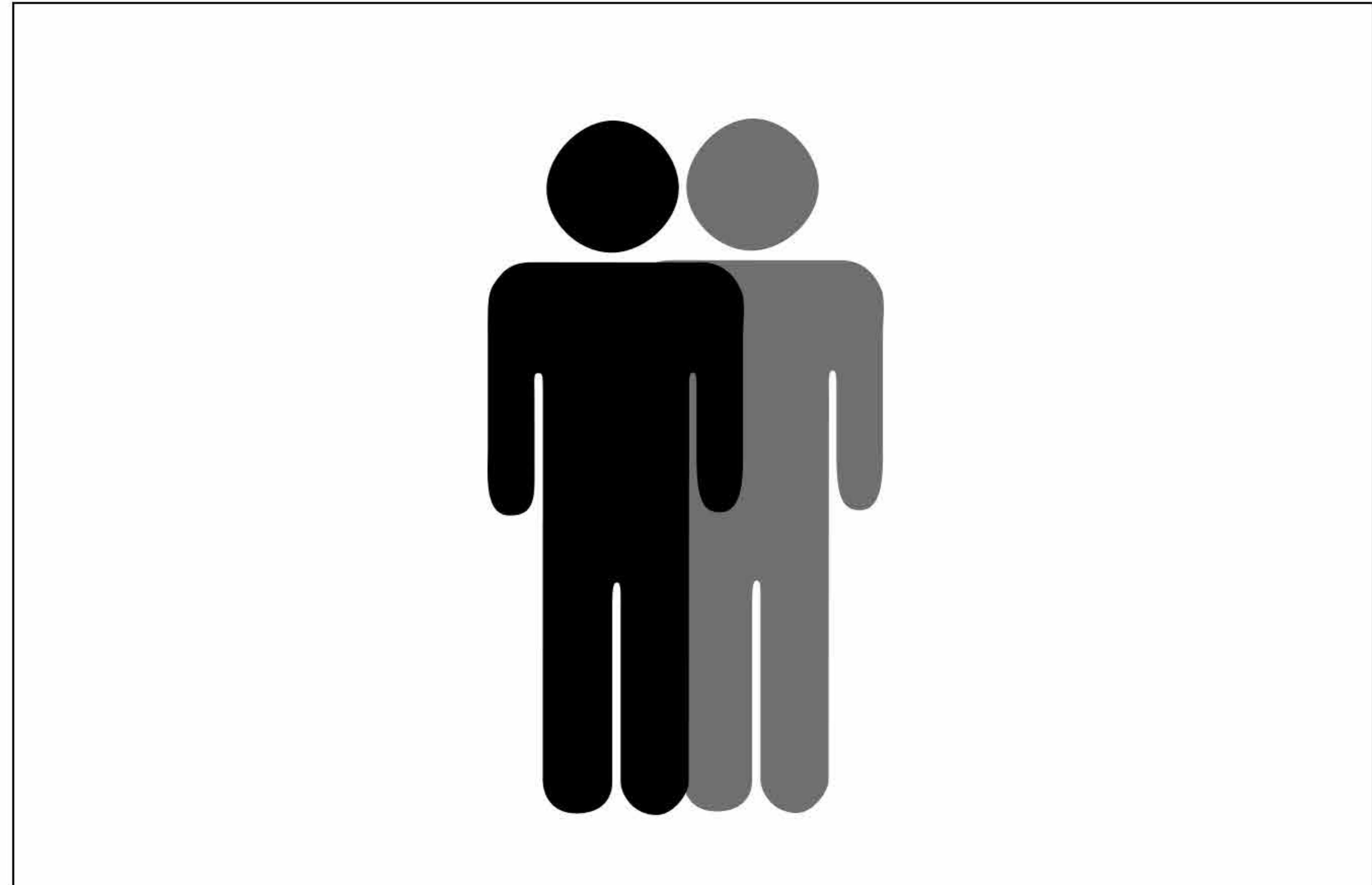
Imagen do meu portifolio (*Knights 2016*)

Original

LINHAS PARECIDAS

Elementos com linhas parecidas quando próximos, são quase sempre um incômodo visual. Apesar do nosso cérebro estar acostumado com padrões de repetição, e de fato, padrões são agradáveis (principalmente padrões geométricos), repetições orgânicas quase sempre, transmitem a sensação de acaso e indecisão, configurando-se um incômodo visual.

Concept



Exemplo Fotográfico

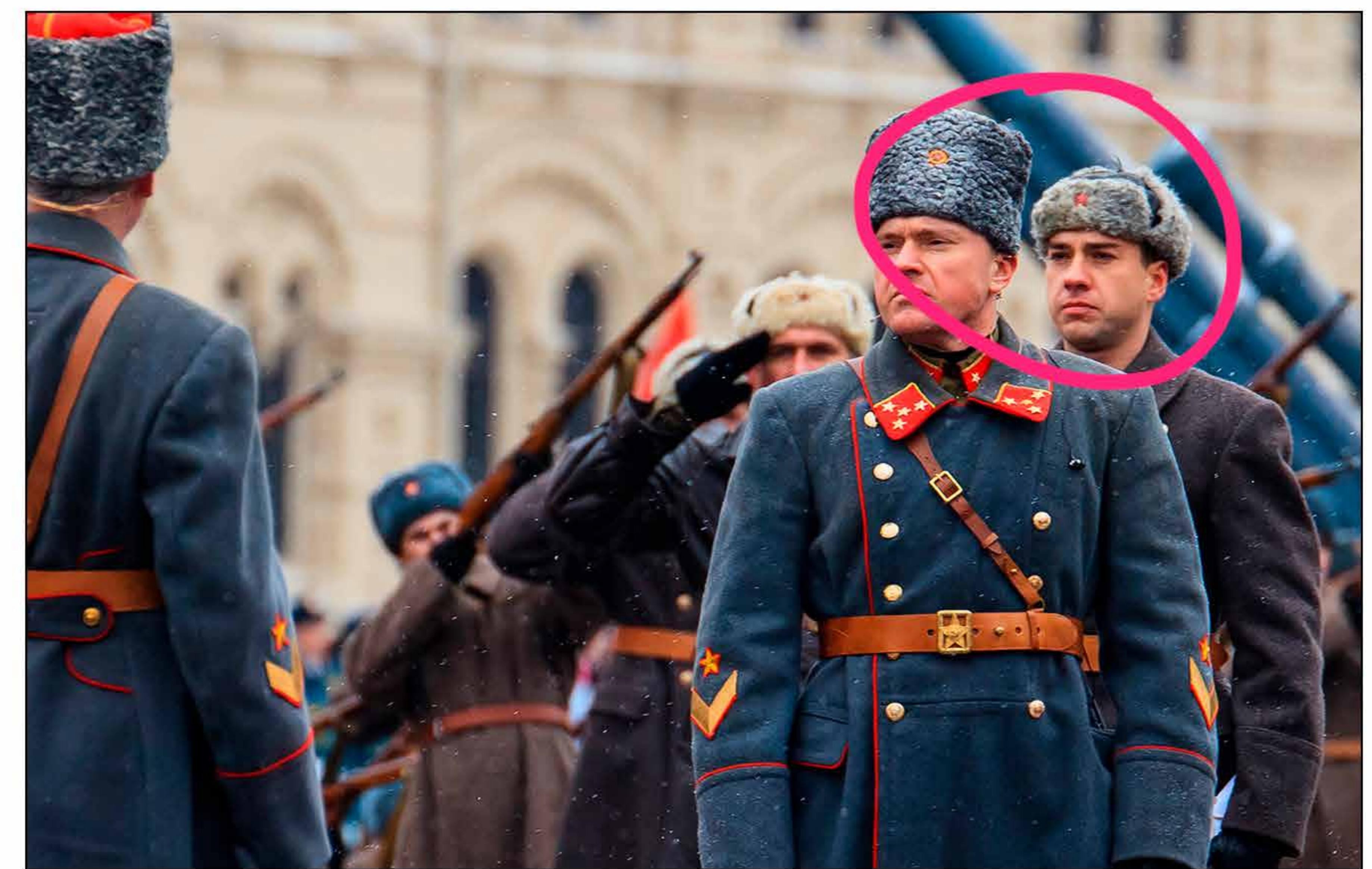




Imagen do meu portifolio (*The Spiritual Monk 2015*)

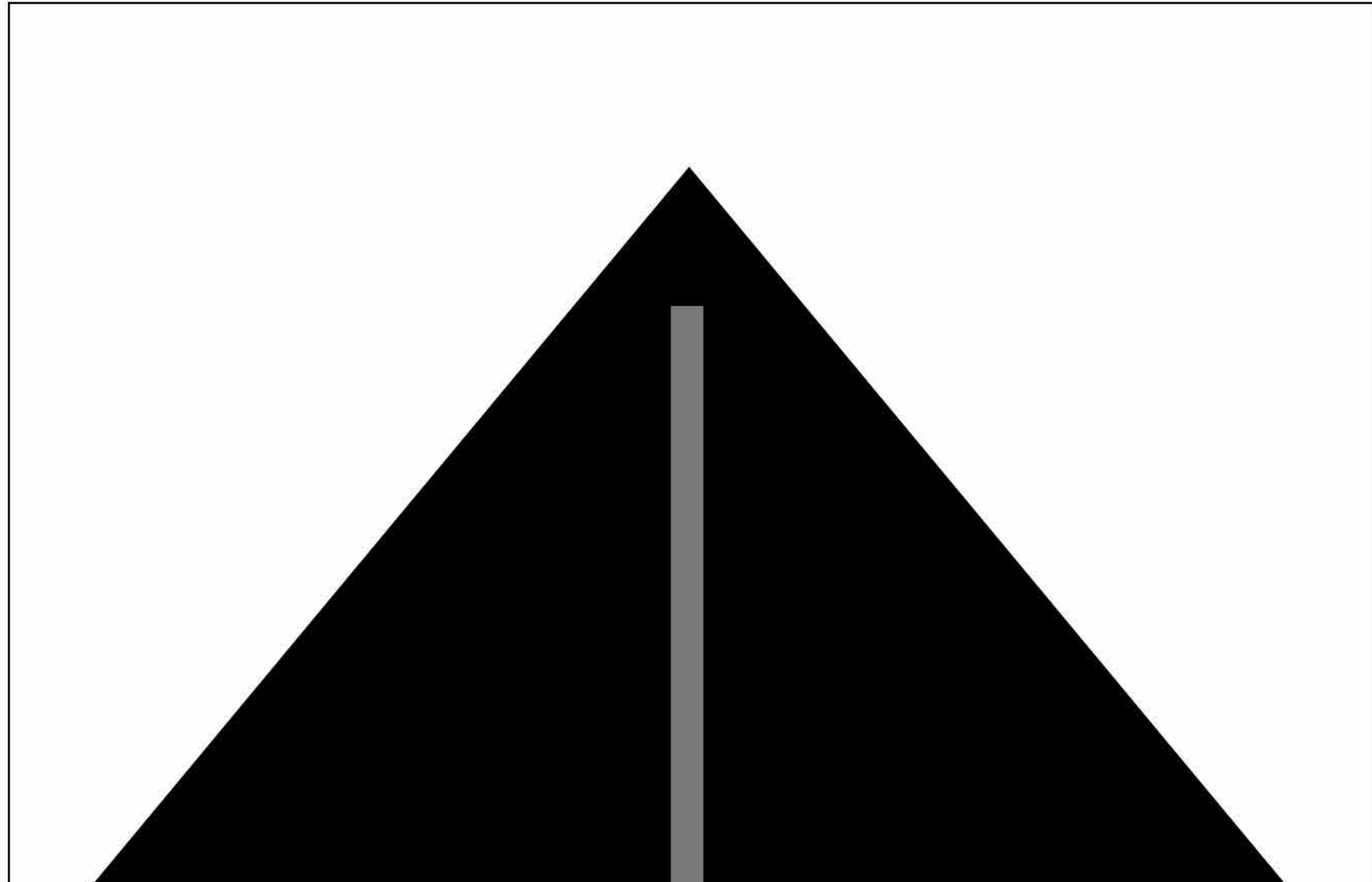


Original

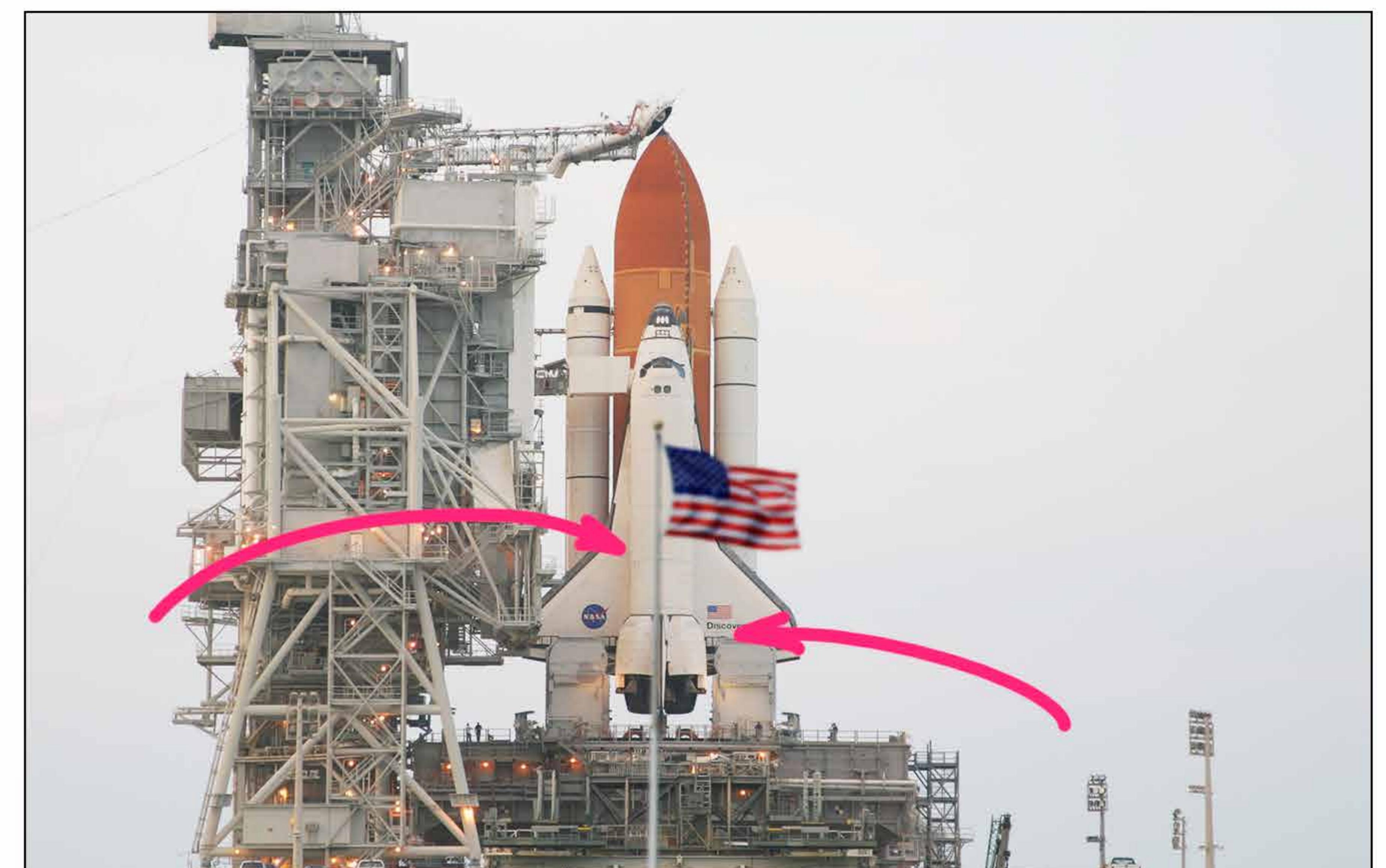
SIMETRIA DIVIDIDA

Uma forma vertical alinhada ou interseccionada ao topo de outra, quase sempre causa estranhamento e desconforto. Veja os exemplos abaixo de como evitar esse tipo de tangente.

Concept

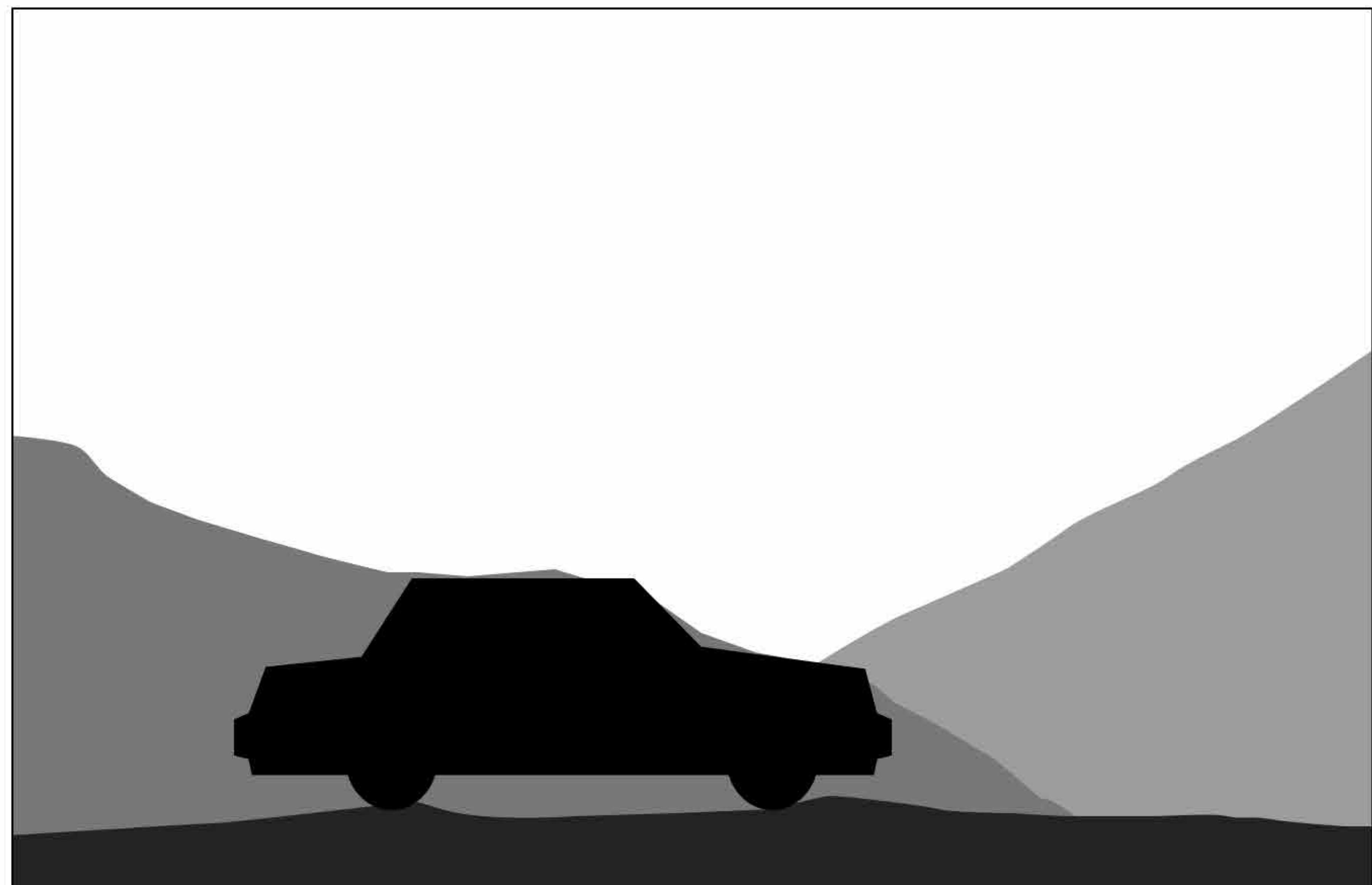
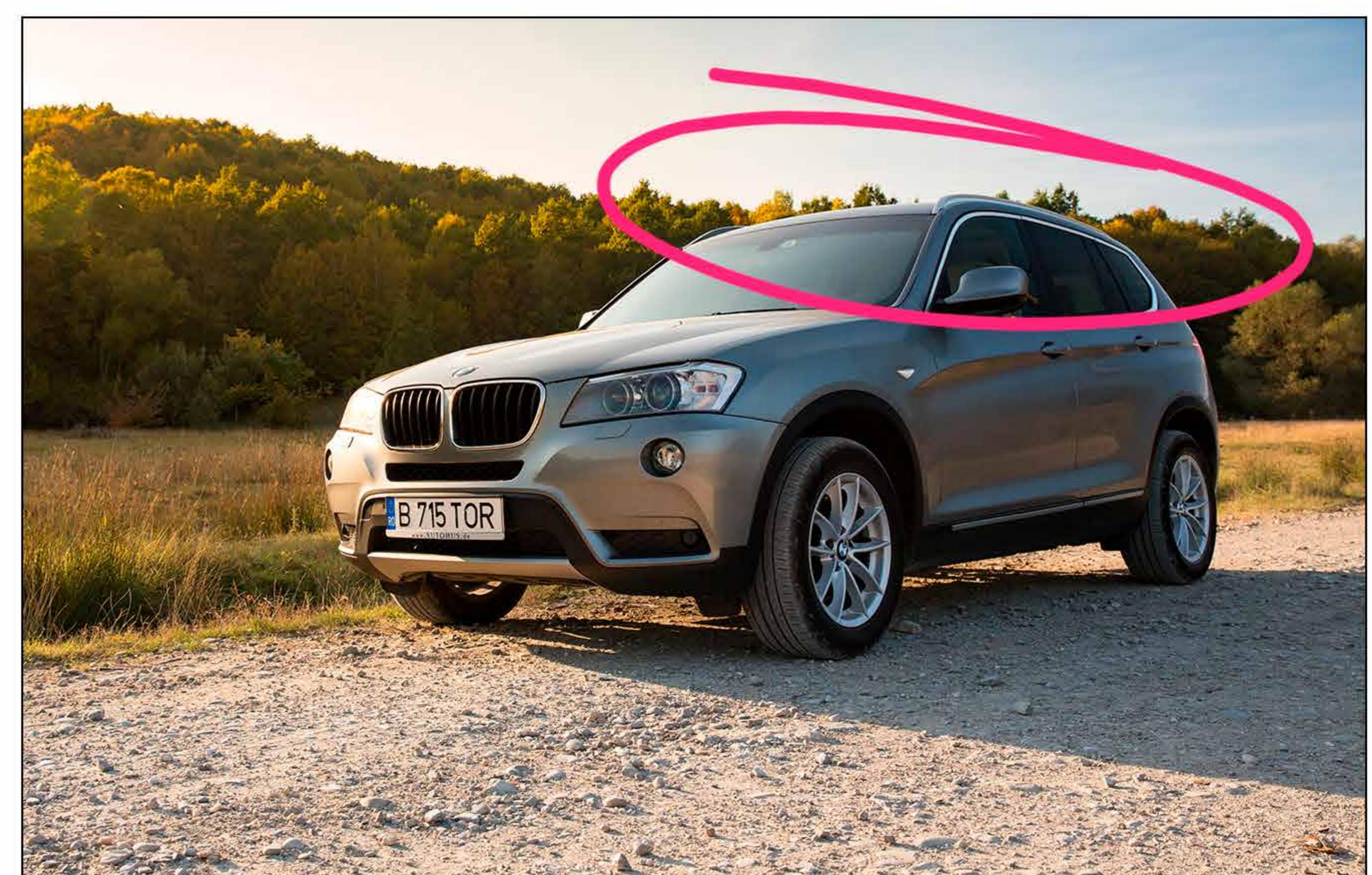


Exemplo Fotográfico



ARESTA AMBÍGUA (QUANDO UM ELEMENTO ROUBA A ARESTA DE UM OUTRO)

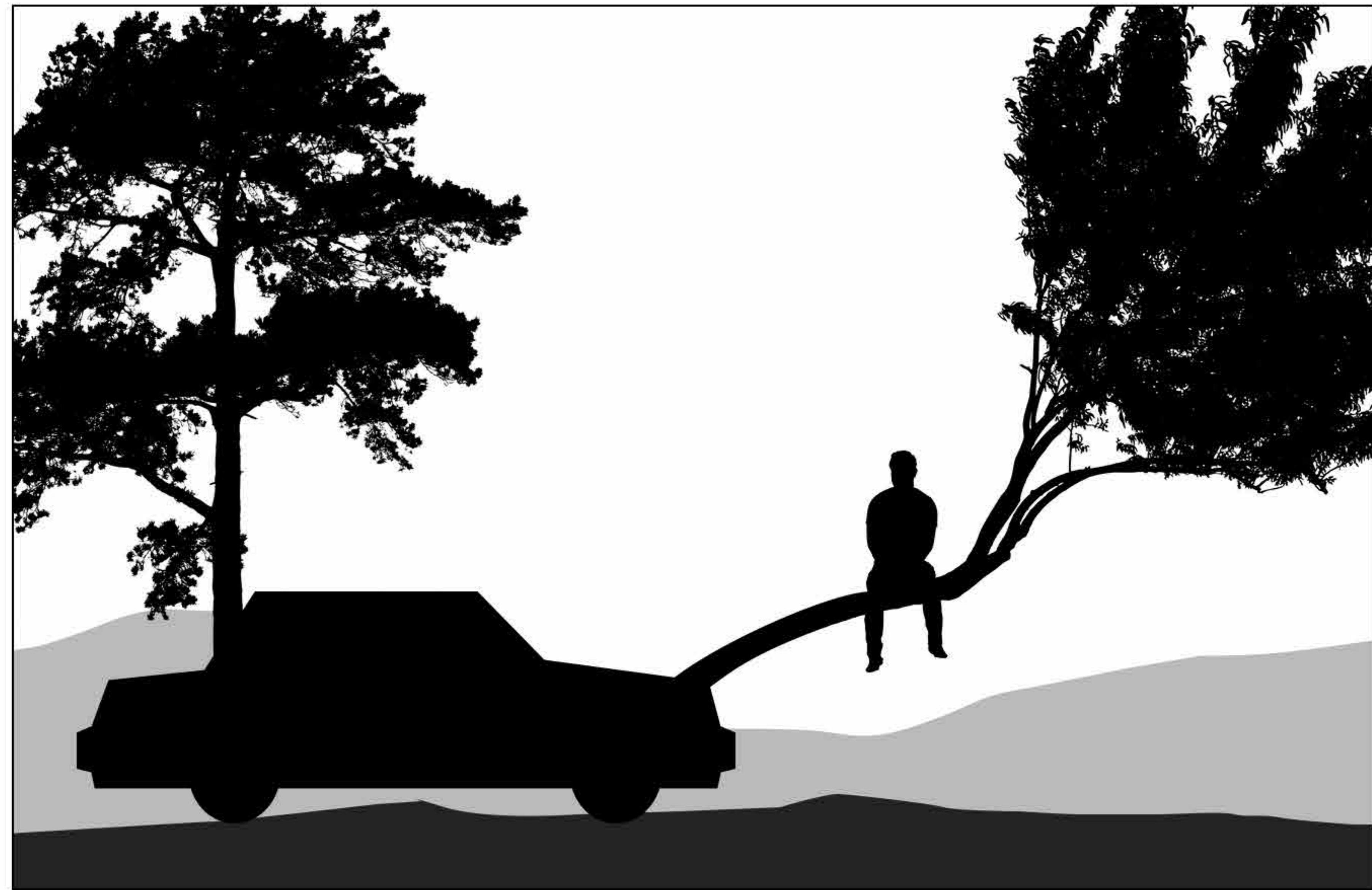
Esse tipo de tangente ocorre quando a aresta de um elemento, está quase que perfeitamente alinhada a aresta de um segundo elemento, dando a impressão que há somente uma aresta. Esse tipo de problema, transmite incerteza e desconforto ao espectador e deve ser evitado. A composição agradece.

Concept**Exemplo Fotográfico****Imagen do meu portifolio** (Summerwhere 2016)*Original*

COINCIDÊNCIAS ESTRANHAS

Elementos distintos posicionados um em frente do outro, ocasionalmente dão a impressão de que 'algo estranho não está certo', as vezes pode parecer que tem algo estranho crescendo ali atrás, um alien talvez, um tumor gigante, ou mesmo, que o elemento no background faz parte do elemento posicionado a frente. Veja os exemplos abaixo de como não fazer.

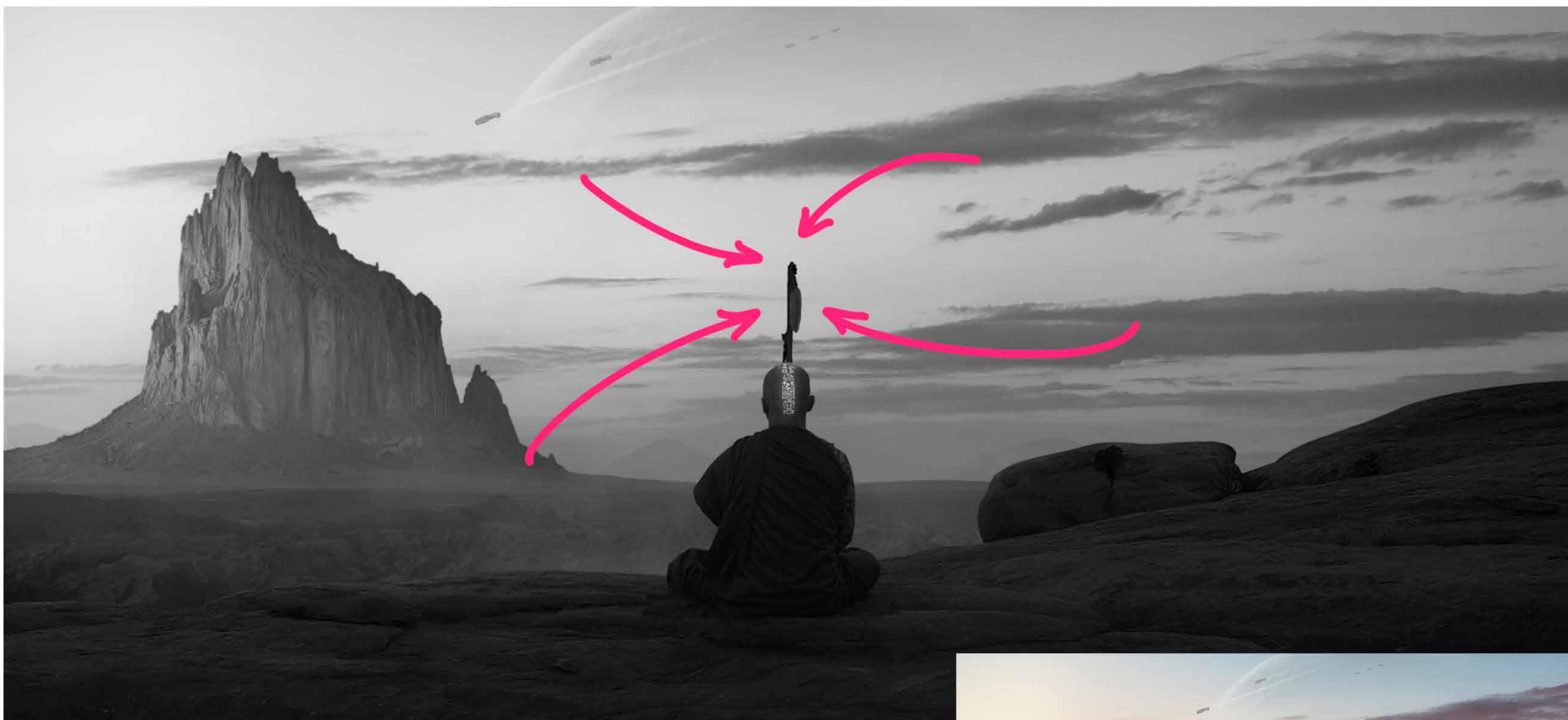
Concept



Exemplo Fotográfico



Imagen do meu portifolio (Arrivals 2017)



Original

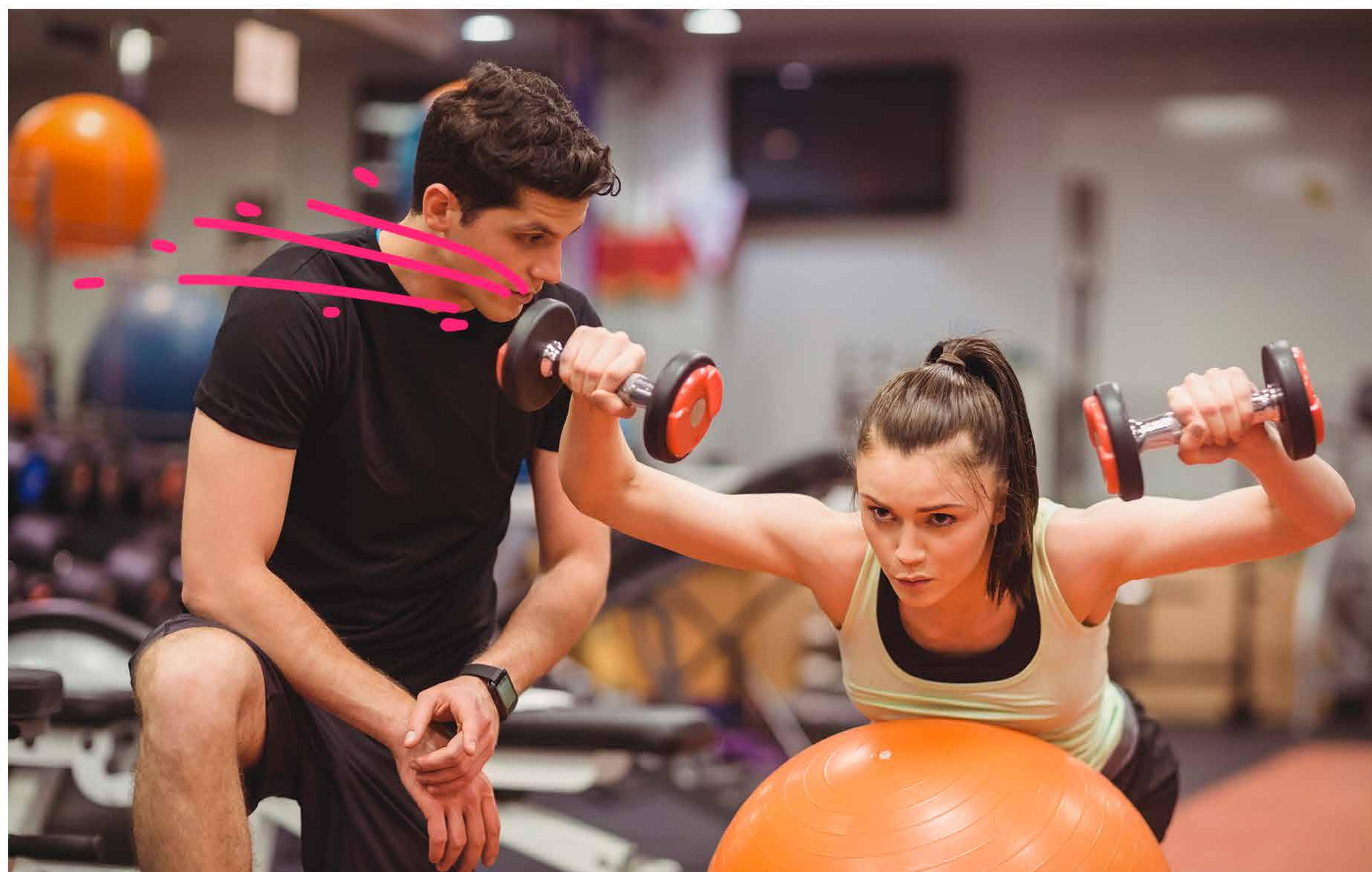
Separar mais alguns exemplos de coincidências estranhas na composição, que quase sempre transmitem indecisão e por isso são consideradas incômodo visual, comprometendo o storytelling da imagem.

Exemplos Fotográficos



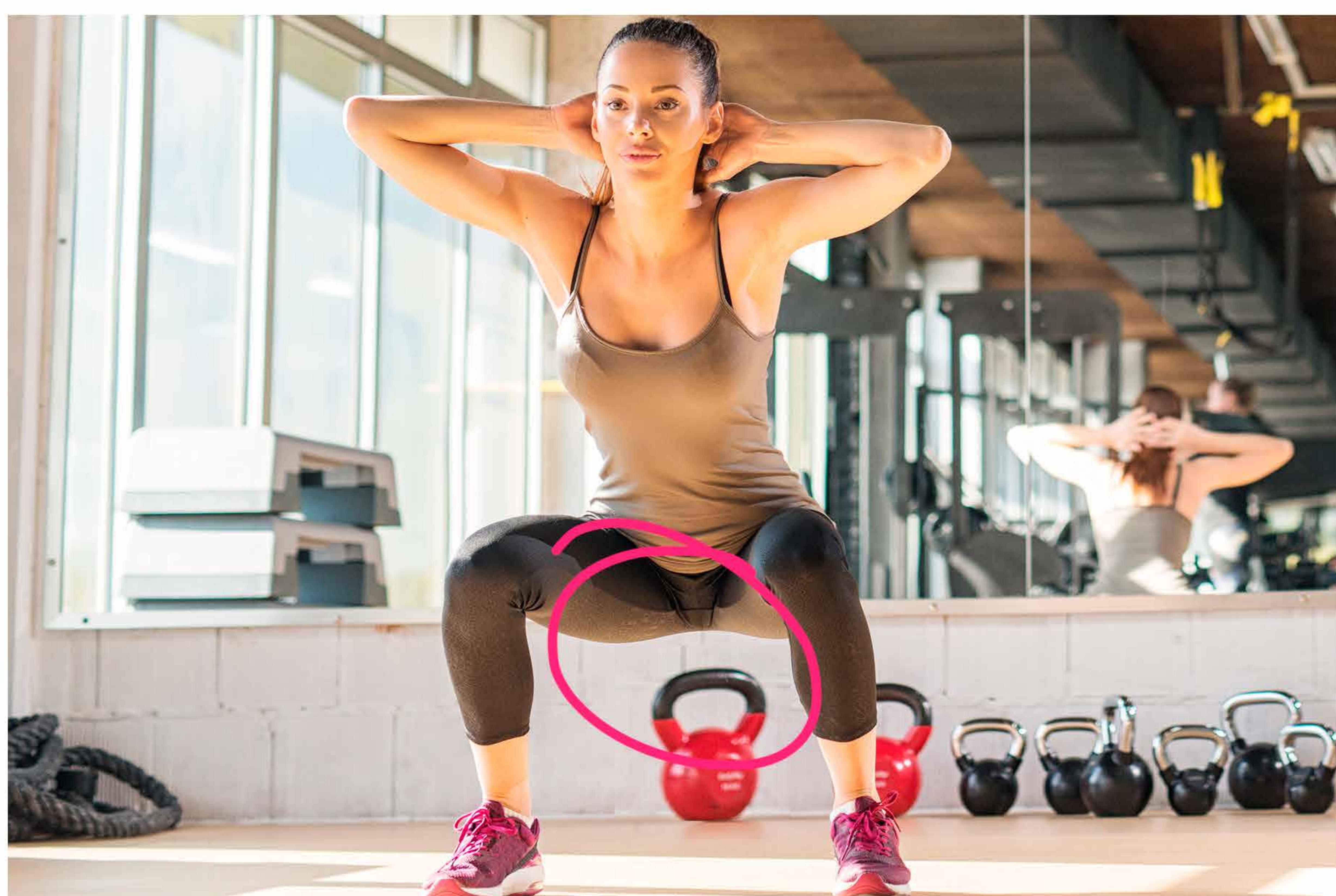
A queima roupa

Aqui temos uma coincidência estranha na composição, que nos leva a pensar que 'alguém vai levar uma bala de canhão a queima roupa, será partido ao meio e vai desfalar o batalhão'. A composição mandou lembranças.



Na lona

Neste exemplo, podemos ver claramente como dar um cruzado de direita no queixo do seu personal trainner e leva-lo a lona em segundos. Brincadeiras a parte, perceba como um elemento mau posicionado, pode levar a atenção do observador pra longe do ponto de interesse da imagem, que nesse caso era pra ser o rosto da modelo.



Na boca da garrafa

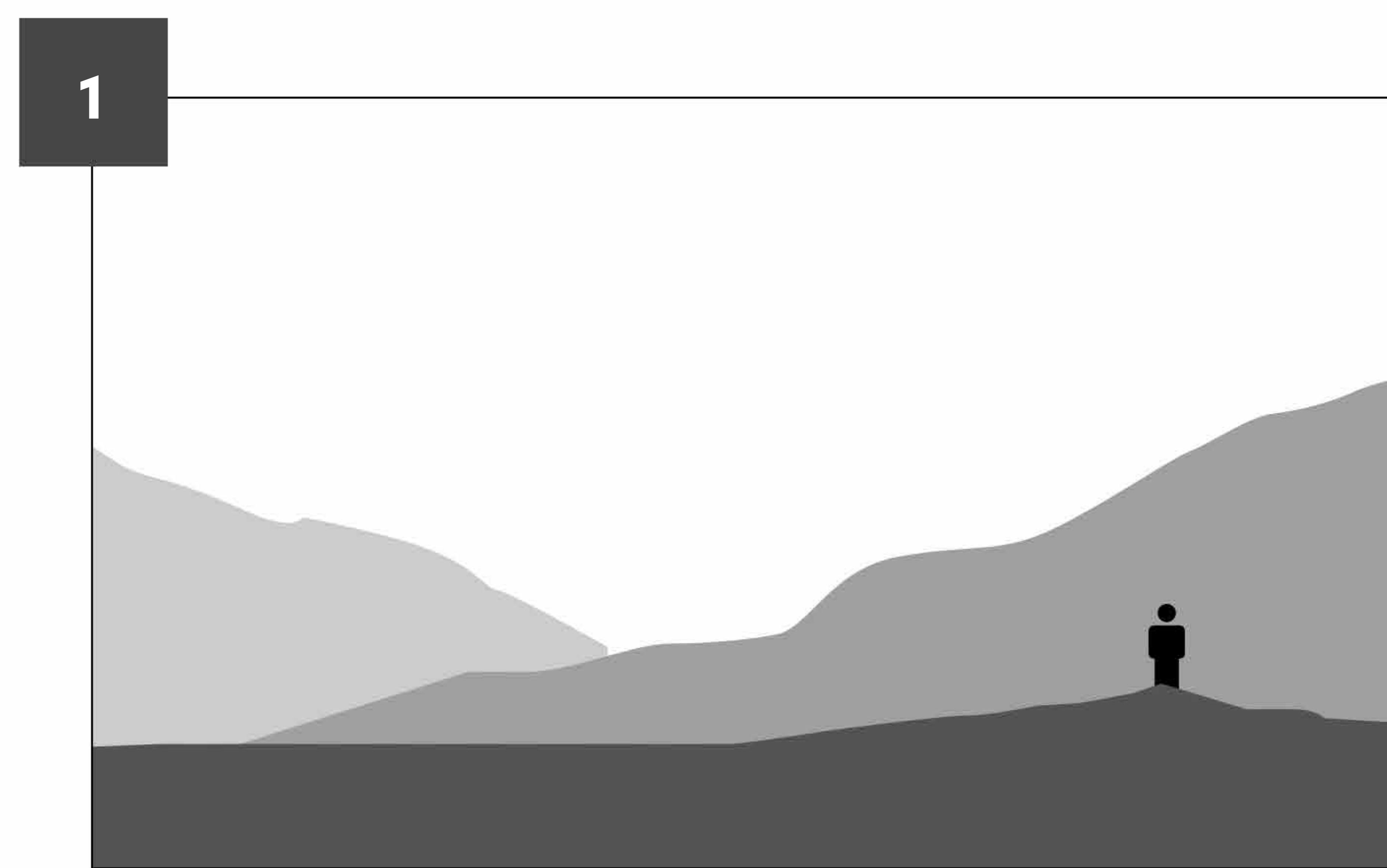
Por último, temos essa estranha coincidência, a qual me guarda no direito de não fazer nenhuma piadinha, tendo dito isto, acredito que você leitor, ja tenha conseguido entender a importância de planejar bem a composição, evitando esse tipo de coincidência. A imagem e o espectador agradecem... é na boca da garrafa... vai dançando na boquinha da garr...

ÁREA DE INTERESSE

Muito bem, se essa é a primeira vez que você ouve a expressão 'Área de Interesse' (não deveria ser, por que eu já falei várias vezes essa expressão anteriormente, se não lembra, volta e leia de novo, tô brincando, mas é serio), de qualquer maneira, a Área de Interess, do inglês Focal Point, também pode ser definida pelo Hero ou Talent (ser humano, produto, elemento principal da cena e etc).

A área de interesse da imagem, é a região mais importante de todo o quadro, o local por onde a história começa a ser contada para o espectador, e por isso, essa região ou elemento, geralmente precisa chamar mais atenção do que todo o restante da imagem.

Em termos práticos, existem algumas formas de trazer a atenção do espectador, para a Área de Interesse primeiro, veja os exemplos abaixo:



1 - Seres Humanos

Dizem alguns estudos que, o nosso cérebro está constantemente procurando por outro ser humano, por causa do instinto de sobrevivência e preservação da espécie. Desse modo, fica claro o por que seres humanos chamam tanto a atenção do espectador, por menor que seja a proporção dele dentro do quadro. Por isso a figura humana é considerada como um Elemento Focal natural.



Uma pergunta muito frequente que os iniciantes fazem, é se uma imagem pode ter mais de uma área de interesse, e a resposta curta para essa pergunta é, sim. A imagem pode ter várias áreas de interesse, desde que exista uma hierarquia entre elas, ou seja, que haja uma ordem de importância para cada elemento dentro da composição, de outro modo, os elementos vão brigar entre si pela atenção do espectador e isso com certeza vai causar confusão.

2

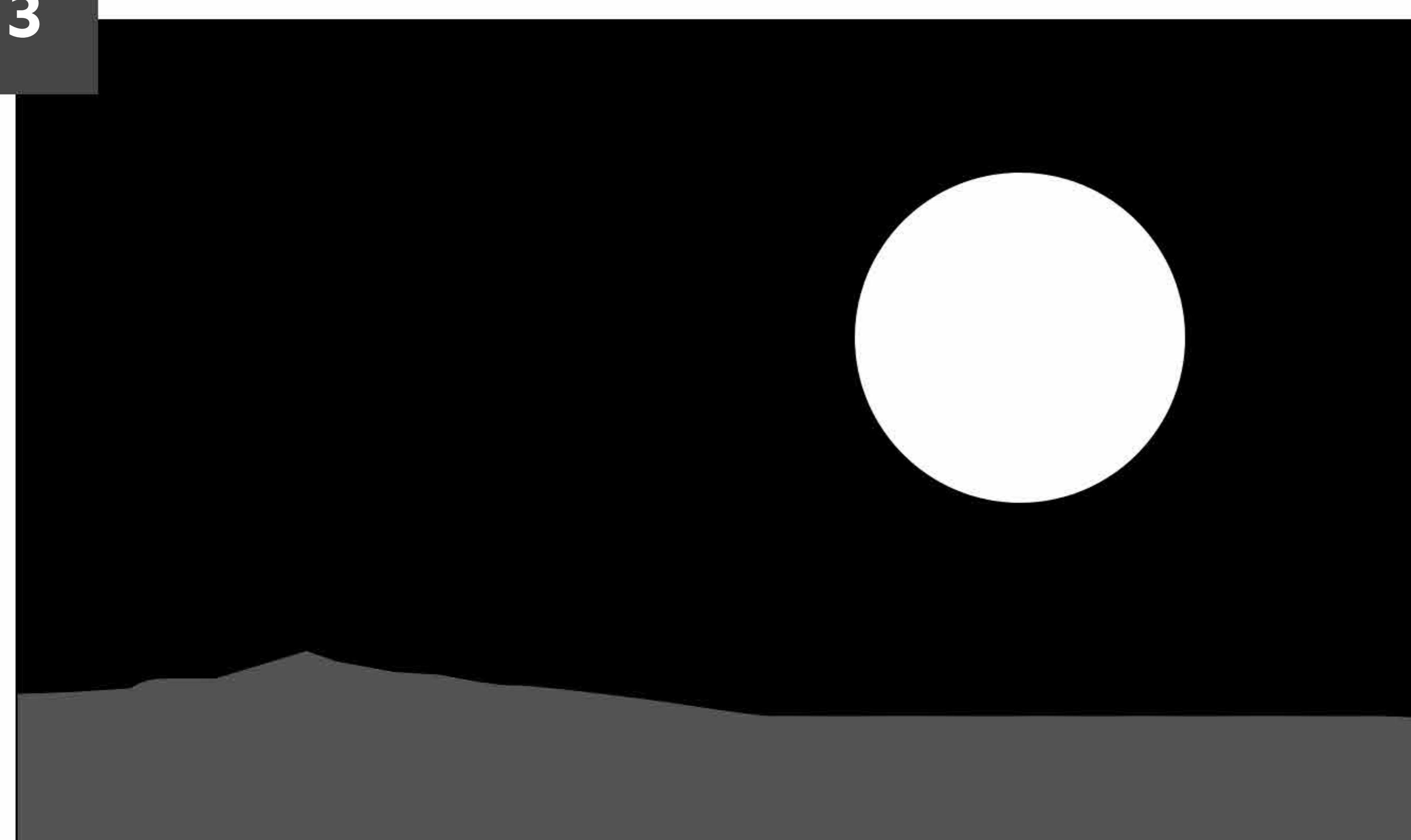


2 - Proporção

Podemos definir a área de interesse da foto, usando a proporção do elemento focal para diferenciar e dar prioridades. Elementos com proporção grande, sempre acabam chamando mais a atenção do espectador do que outros menores, então trabalhe dessa forma, para criar uma hierarquia na composição. Além disso, usamos muito a proporção para dar profundidade e transmitir a sensação de que um elemento está mais distante que outro.

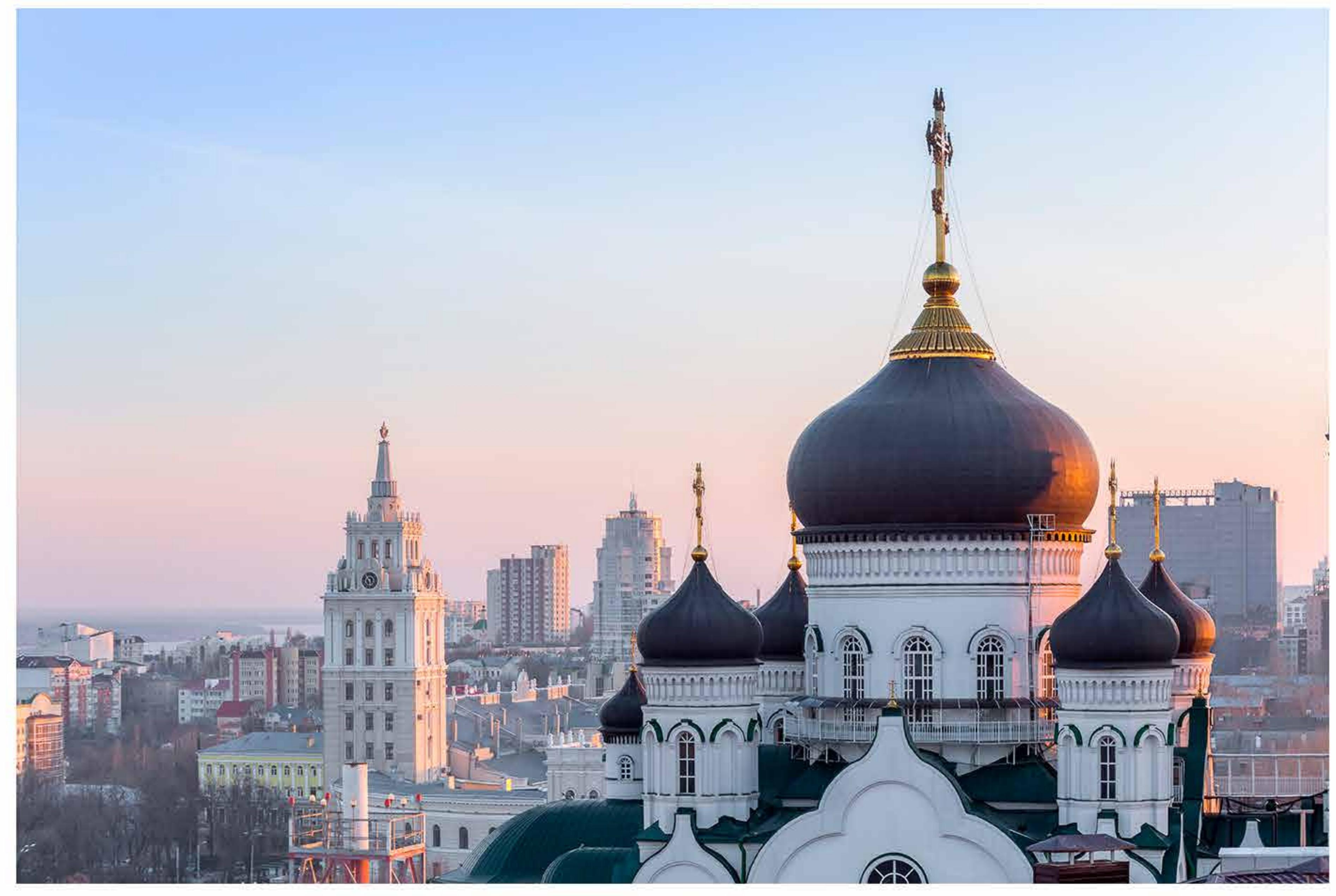


3



3 - Alto Contraste

Uma forma de chamar a atenção do espectador para uma área ou elemento, é sem dúvida através do Auto Contraste. Esse conceito vem da Psicologia Gestalt, Figure-Ground Relationship (FGR), que em português, significa Relação entre a Figura e o Background. Essa técnica consiste basicamente em separar a figura do fundo da imagem, criando uma silhueta do objeto, através do volume ou do próprio contraste (ver mais a partir da pág. 22).



ÁREA DE INTERESSE

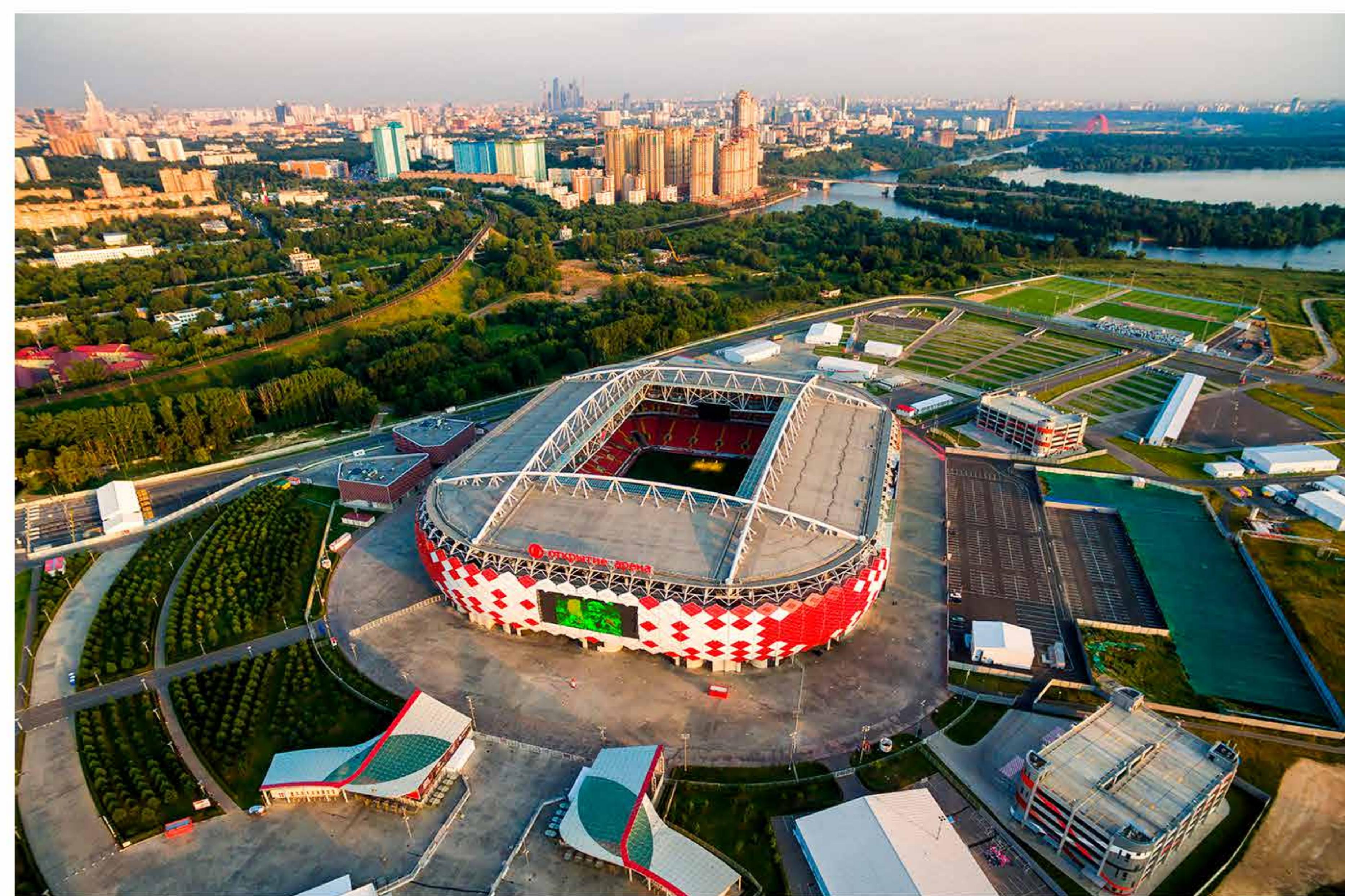
4



4 - Formas fora do padrão

Figuras geométricas ou formas fora do padrão da cena, são considerados elementos focais por que chamam a atenção do espectador naturalmente.

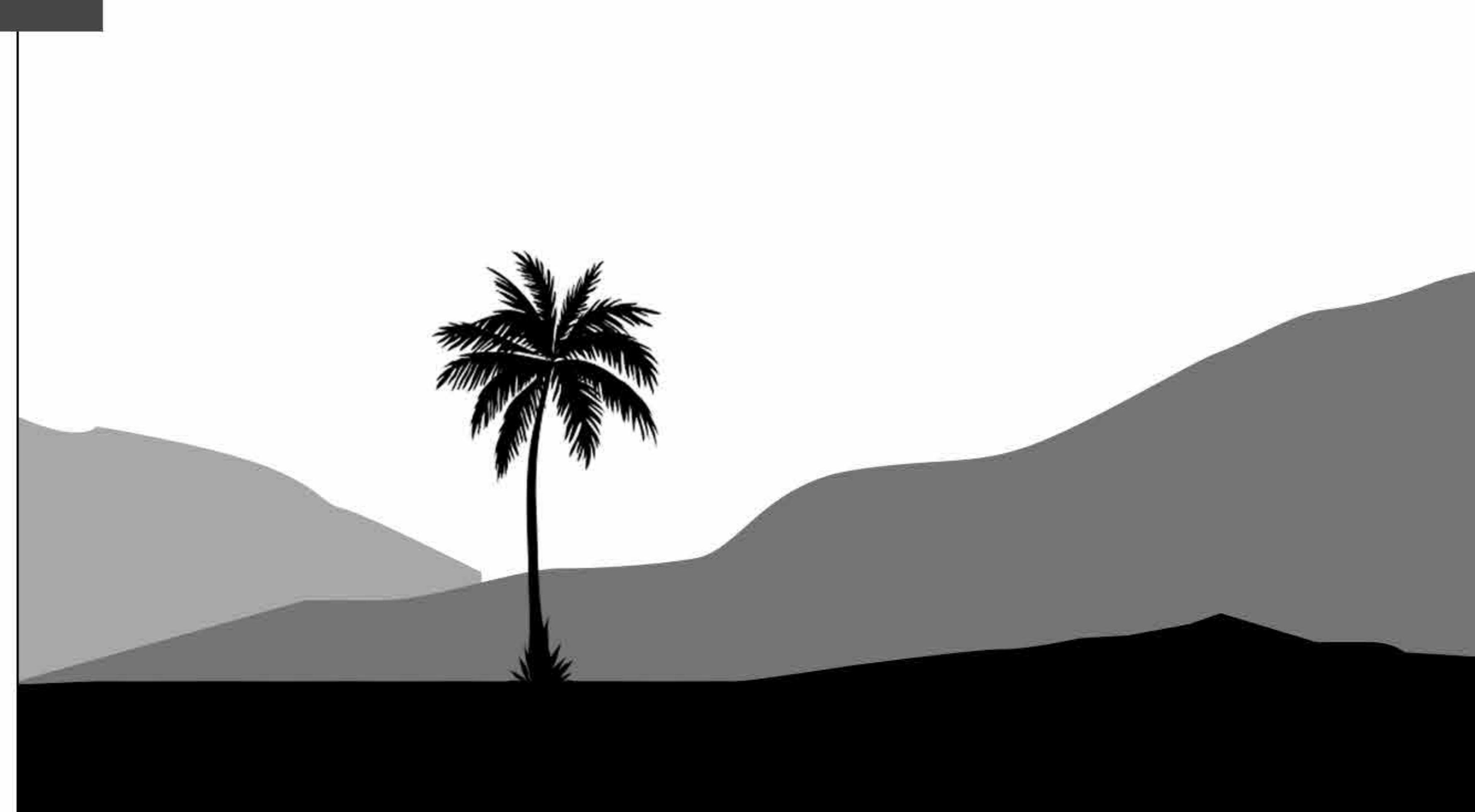
Nosso cérebro está acostumado com padrões e sempre procura por eles nas informações visuais que são enviadas pelos olhos. Sabendo que, padrões são agradáveis aos olhos, um elemento fora do padrão, vai ser detectado primeiro, como se fosse um intruso ali e por isso funciona.



Na imagem acima vemos como o estádio de futebol chama mais atenção do que o restante da cena, e os nossos olhos são atraídos por ele naturalmente. É evidente que a sua proporção também contribuiu para que a imagem funcionasse.

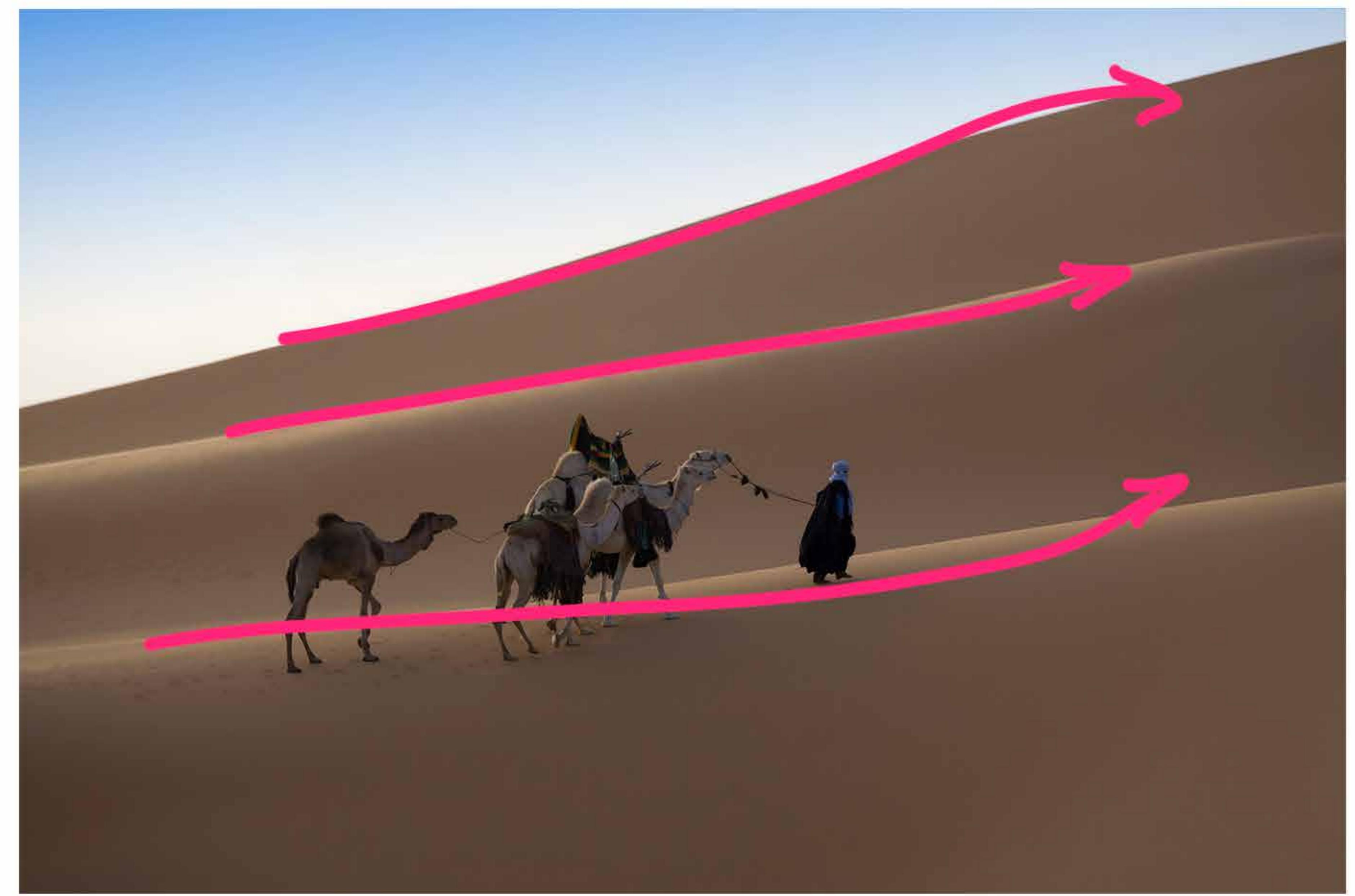
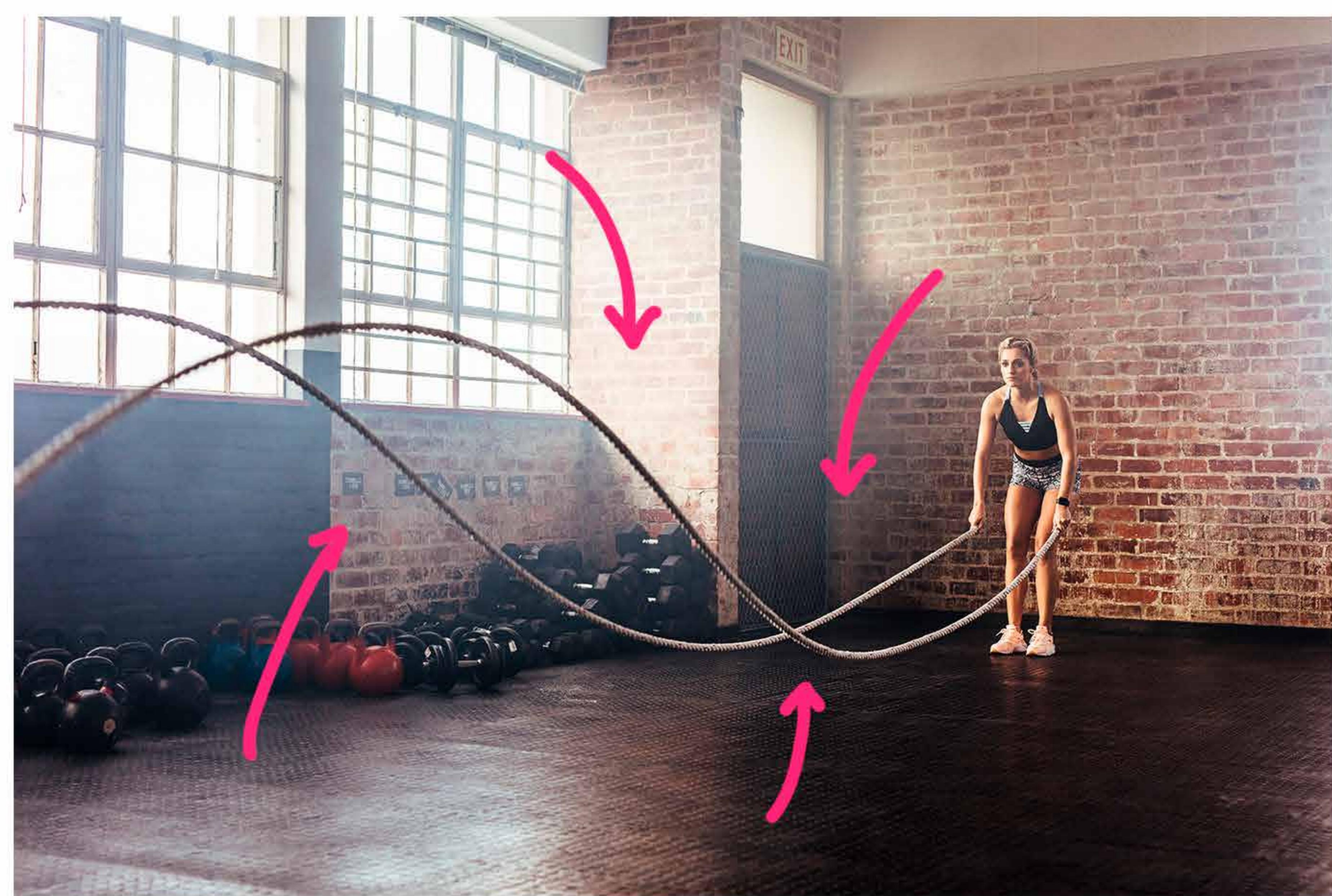
Nesse caso, temos uma espécie de praça circular ao redor de uma torre, além de estar alinhada a referência de um dos terços do canvas, a área de interesse também é uma forma fora do padrão dos outros elementos da cena.

5



5 - Leading Lines (Linhas Guias)

Linhas guias são uma ótima saída para evidenciar a Área de Interesse da imagem, elas são funcionais e com elas atuando, praticamente não há a necessidade de outra técnica para fazer seu hero saltar da imagem. Mas lembre-se, não existe regra absoluta, não há uma quantidade estimada de guides que você pode usar em uma imagem, o que há, é a beleza e para atingi-la, use quantos guides for necessário.



Entendendo o conceito

Os Guides de Composição que falaremos a seguir, não devem ser vistos como regras, mas sim como guias de referência, conceitos que o artista usa para fundamentar suas escolhas durante o processo de composição.

E quando a composição se faz necessária?

Claramente a resposta para essa pergunta é, quando o artista tem algo a dizer através da sua obra, seja um significado ou uma história. Os guides de Composição aparecem, quando precisamos colocar essa história no canvas, de forma organizada, fluída e agradável, com prioridades bem distribuídas através de uma hierarquia visual, para que a leitura seja satisfatória e a mensagem seja entregue com sucesso.

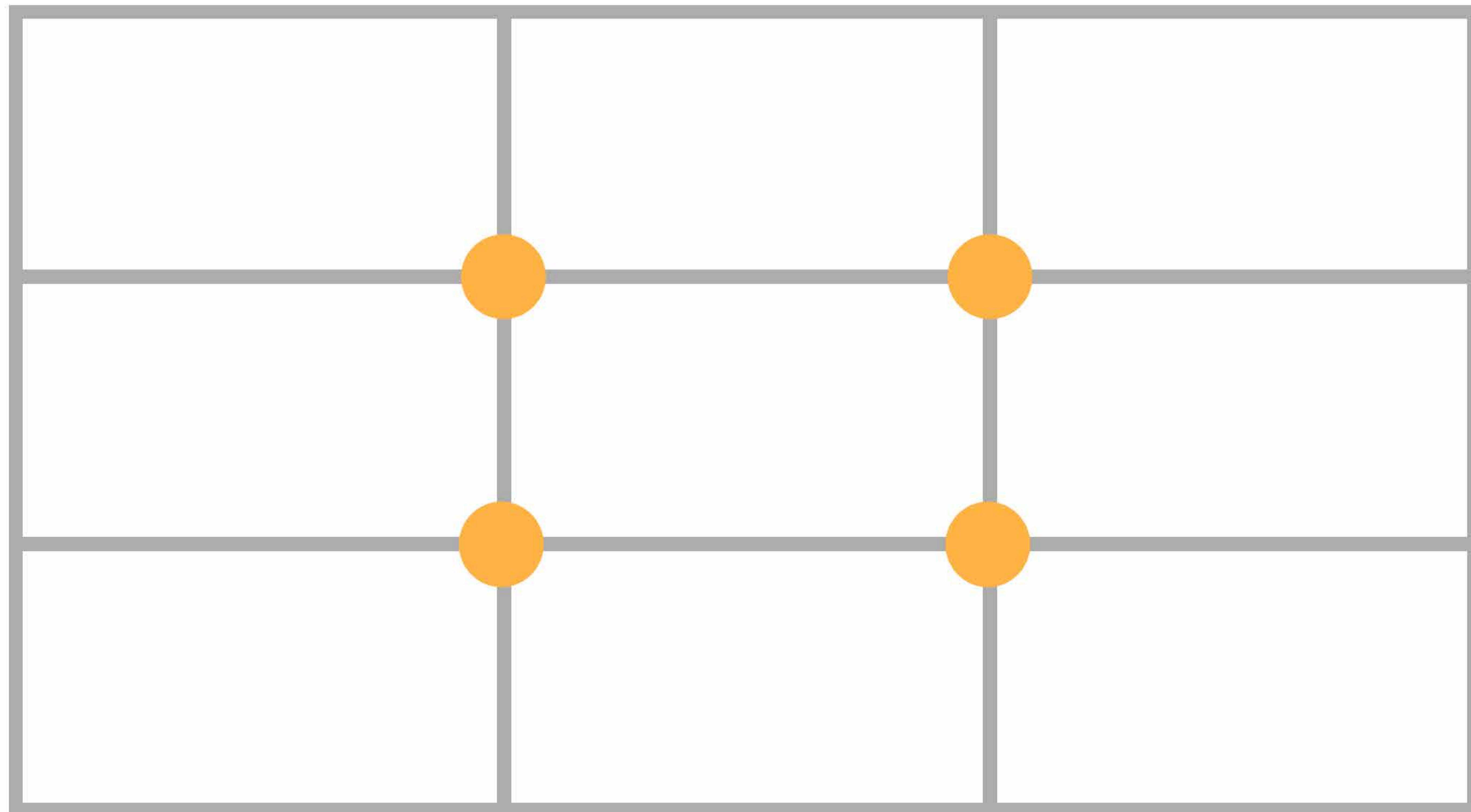
A seguir, explanarei a fundo alguns dos guides que eu mais utilizo no processo de composição. É importante dizer, que você não precisa sair aplicando todos os guides ao mesmo tempo, em tudo, o importante mesmo é entender como cada guide funciona e desse modo, o momento certo para usar cada um deles, seja na mesma imagem ou em outra.

REGRA DOS TERÇOS

Um erro clássico que muitos artistas cometem, é usar apenas a Regra dos Terços na hora de compor, e acreditarem que obterão uma imagem visualmente agradável apenas fazendo isso, vacilo total, não faça isso! Entretanto, a Regra dos Terços tem sua funcionalidade e importância como guide sim, mas engana-se quem pensa que ela é a chave mestra para resolver todos os problemas da composição, tipo a varinha do Harry Potter sabe? Você aponta a varinha, diz '*Expecto Patronum*' e pronto. 'Só que nunca!'

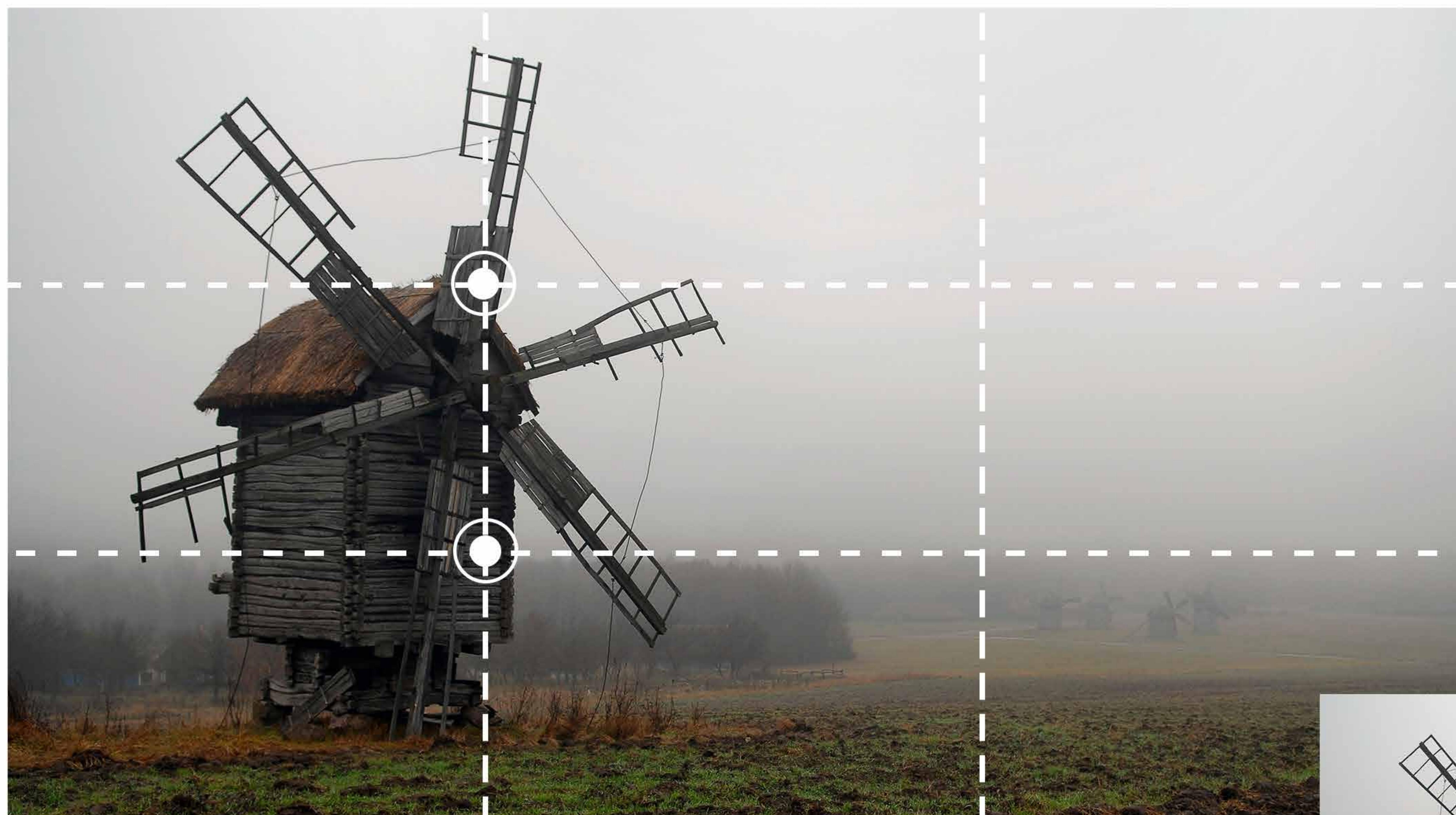
Dito isto, fica claro que para obtermos uma composição satisfatória, precisaremos aplicar não somente um, mas vários guides na composição, de um jeito que a imagem seja lida facilmente pelo espectador, sem que ele seja atraído por elementos de distração ou fique confuso pela falta de hierarquia da imagem.

A seguir, irei explanar de forma abrangente as aplicações da Regra dos Terços e qual o seu papel na composição.

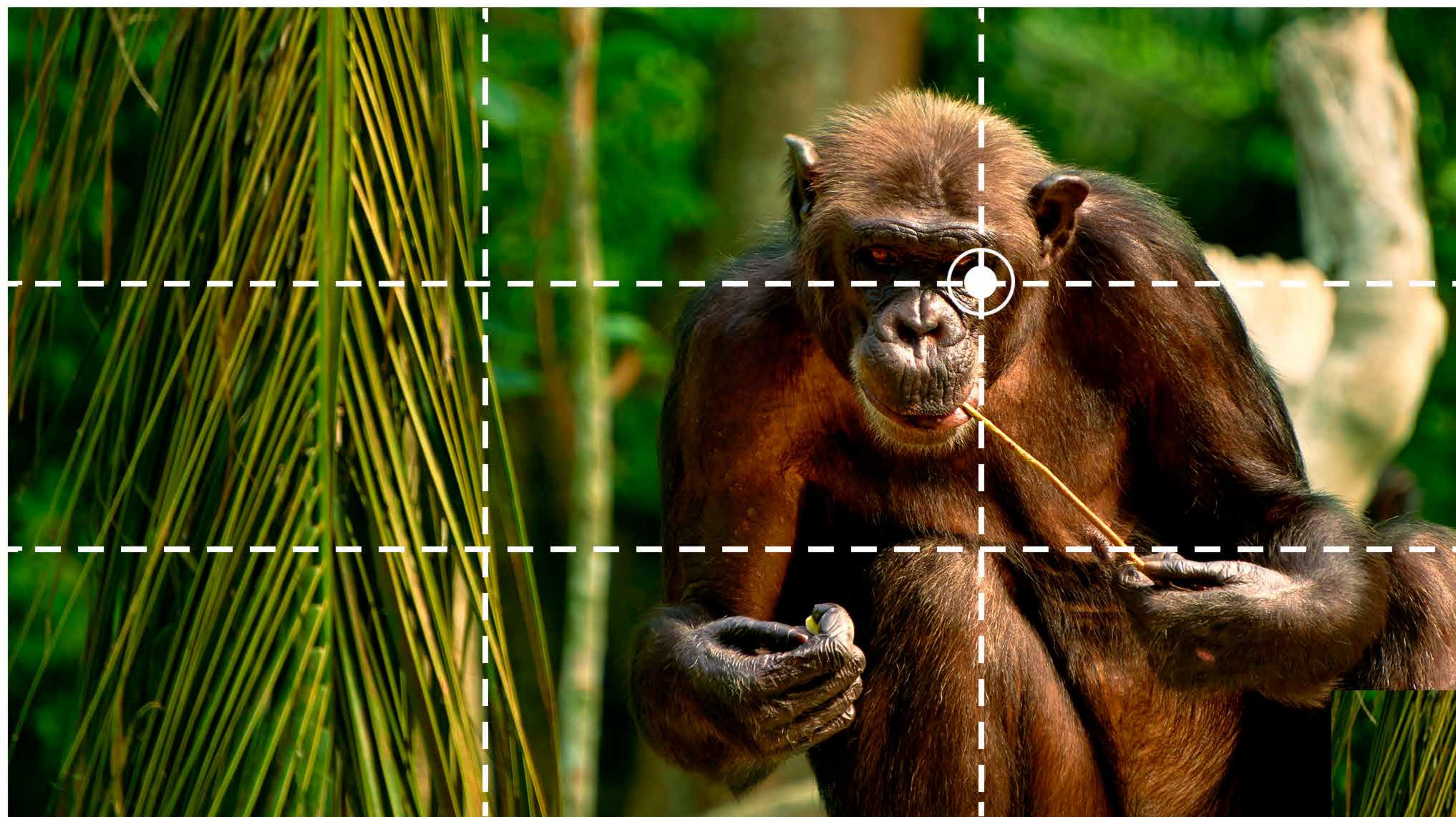


Acima, temos o gride básico da Regra dos Terços. Esse guideline propõe que a área da imagem seja dividida em nove partes iguais, através de duas linhas verticais e duas horizontais, dessa forma obteremos quatro intersecções (bolinhas amarelas), onde posicionaremos os elementos de maior interesse, de acordo com a hierarquia. É importante dizer que, ao posicionar o elemento focal nessa região, deve-se ter em mente que uma área negativa será gerada do outro lado, quase que automaticamente, e isso pode desequilibrar a composição como um todo.

Neste exemplo temos uma imagem clicada com a referência da Regra dos Terços. Nesse caso em particular, podemos afirmar que a imagem funciona e transmite a mensagem de forma eficaz, isso por que, a falta de informação do lado direito não se tornou um problema, pelo contrário, o espaço negativo produzido pela ausência de informação, transmite uma sensação de isolamento e tranquilidade, que tem tudo haver com o clima da cena, neblina, tons frios e etc.

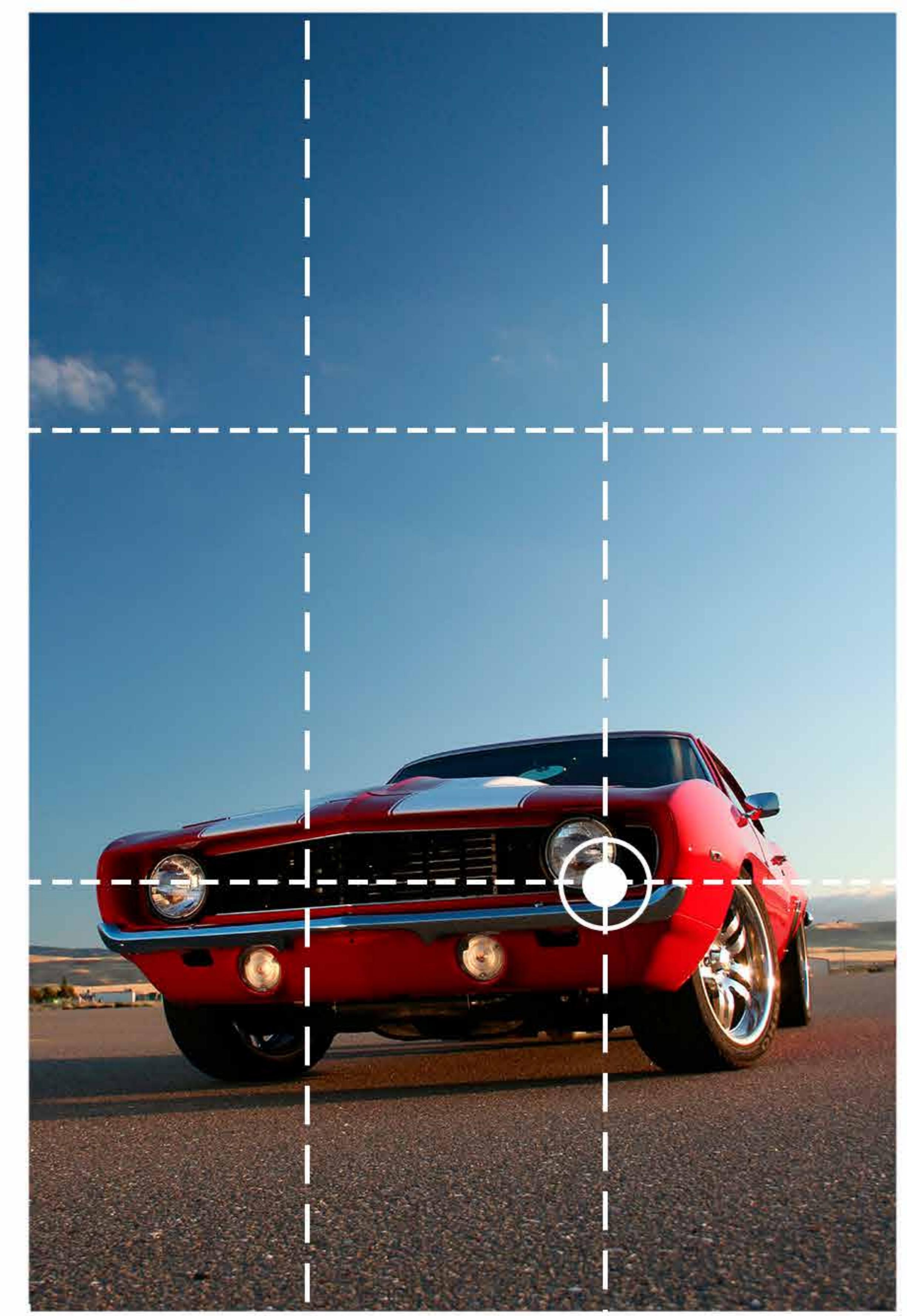
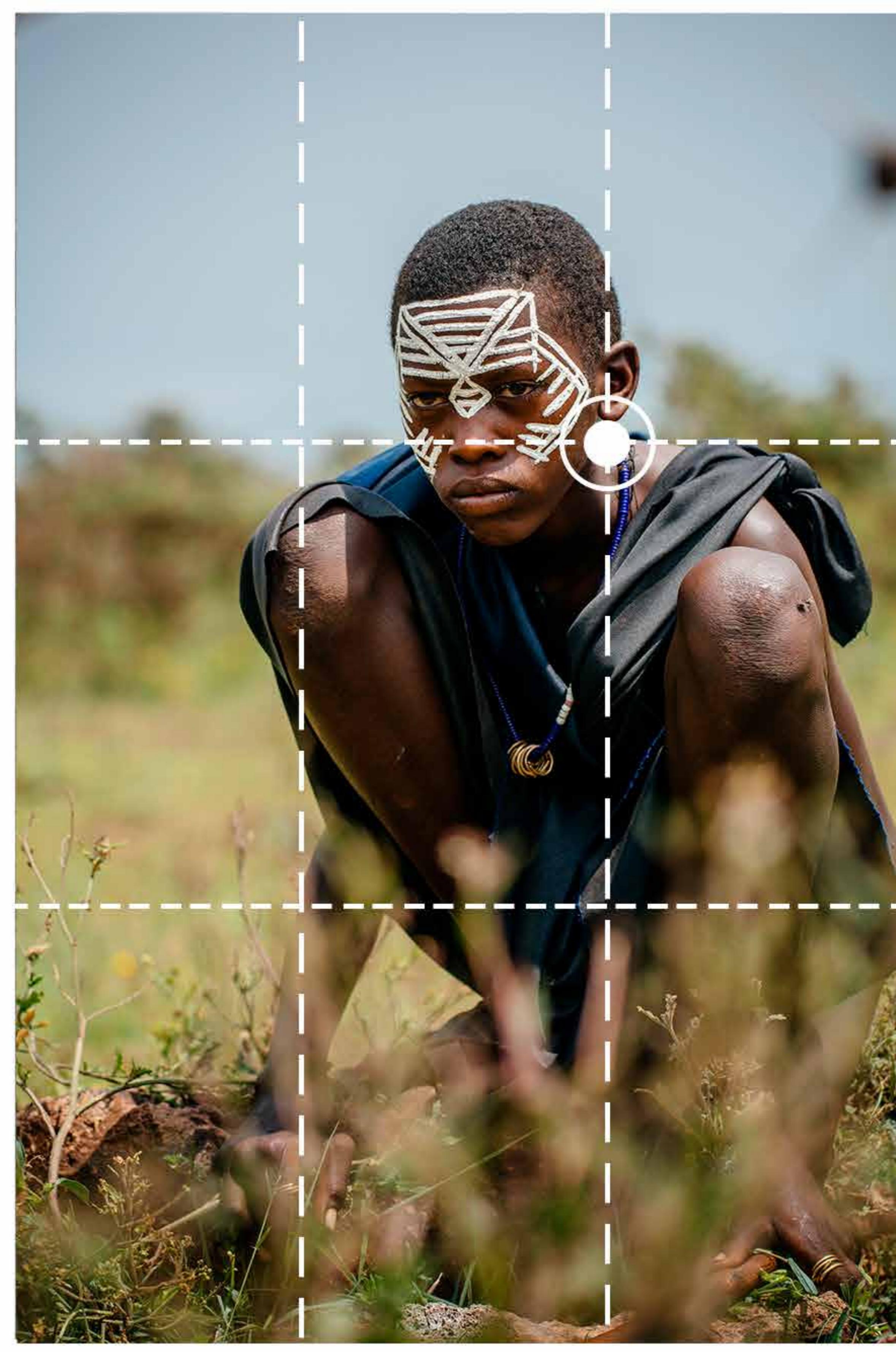
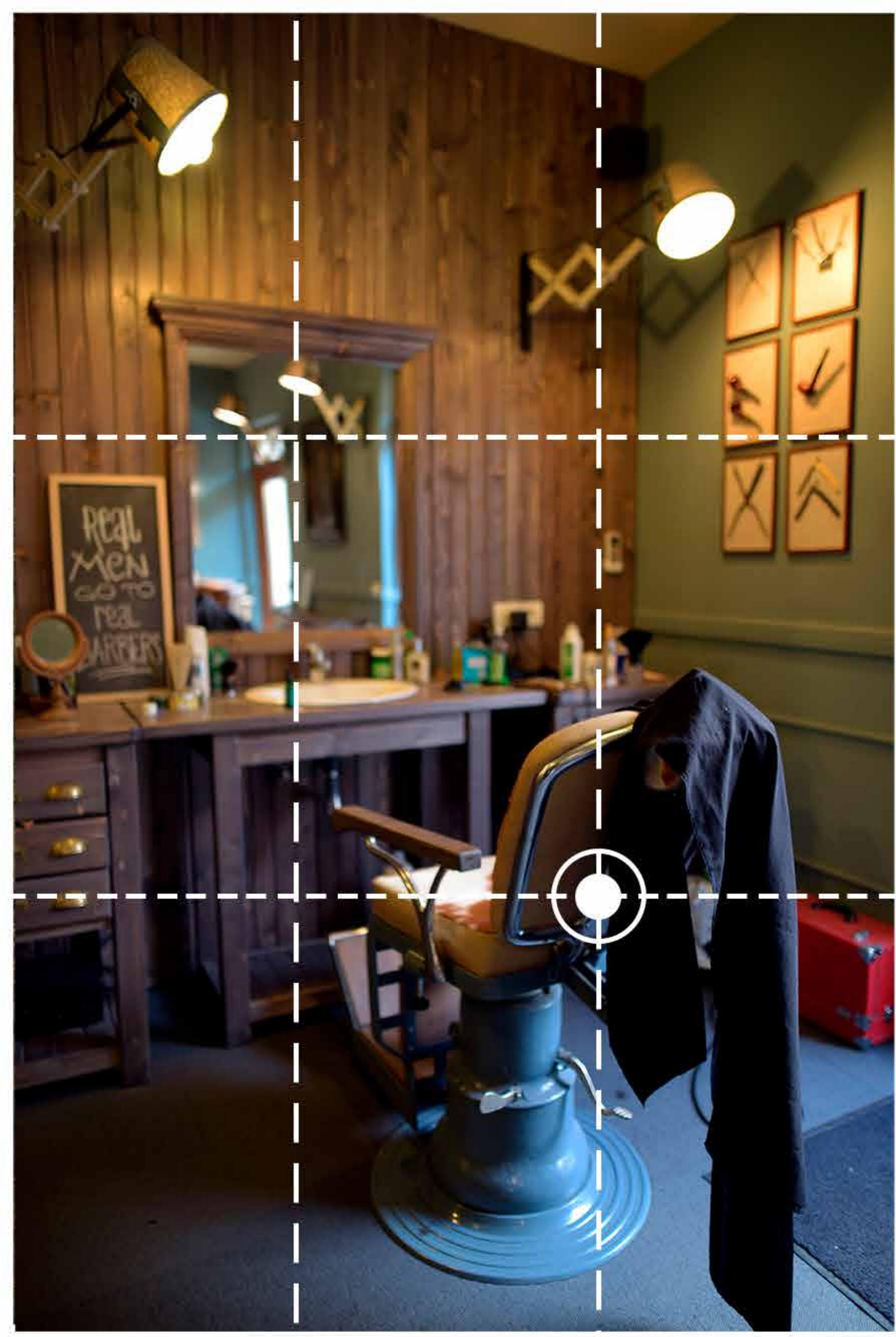


No exemplo abaixo, temos o hero posicionado em uma das convergências e do lado oposto, temos um elemento com menor prioridade na hierarquia (a folha da árvore tem a mesma cor do ambiente, gerando menos contraste que o macaco, chamando menos atenção), e ainda assim, funciona como um ponto de equilíbrio na imagem.

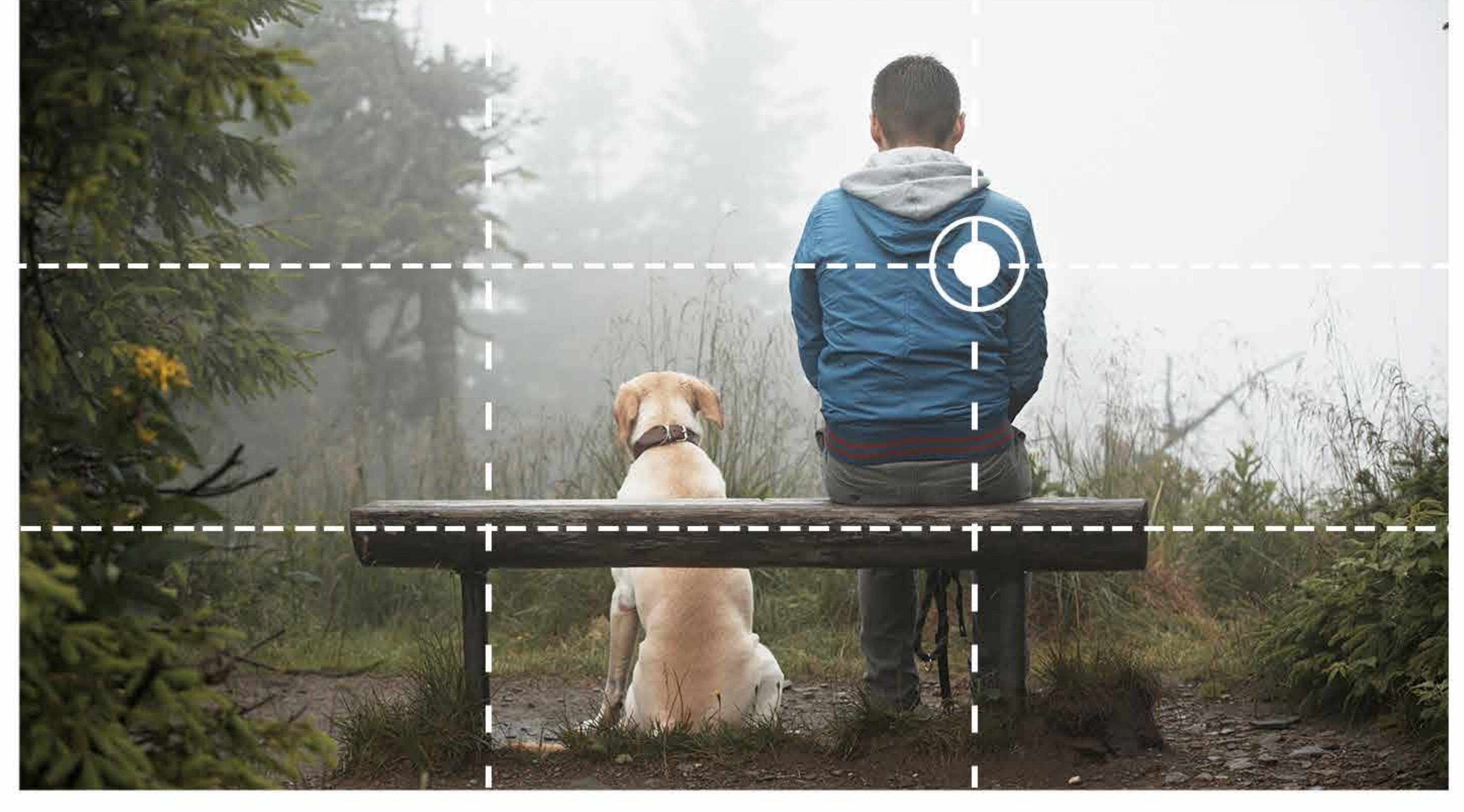
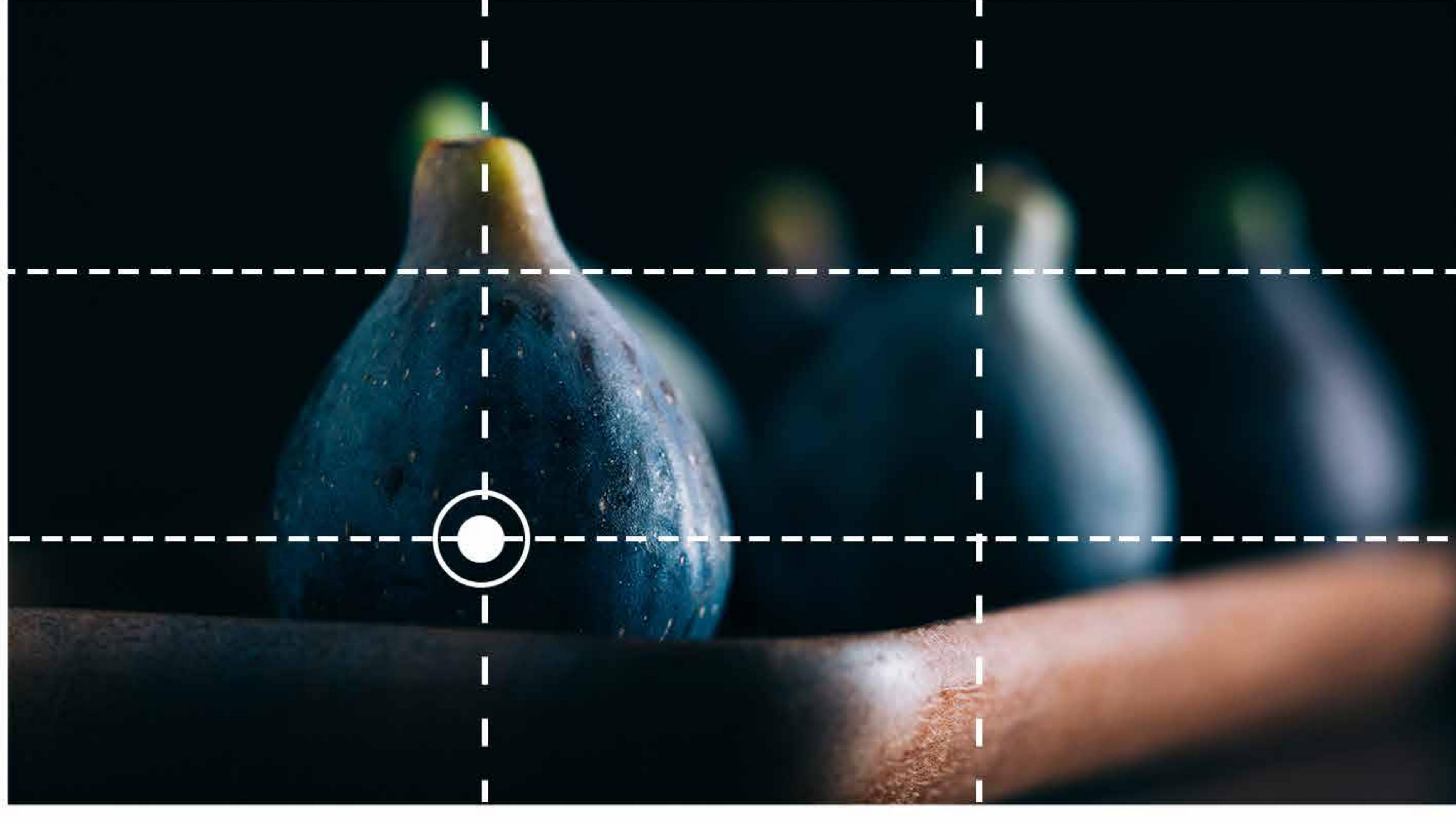
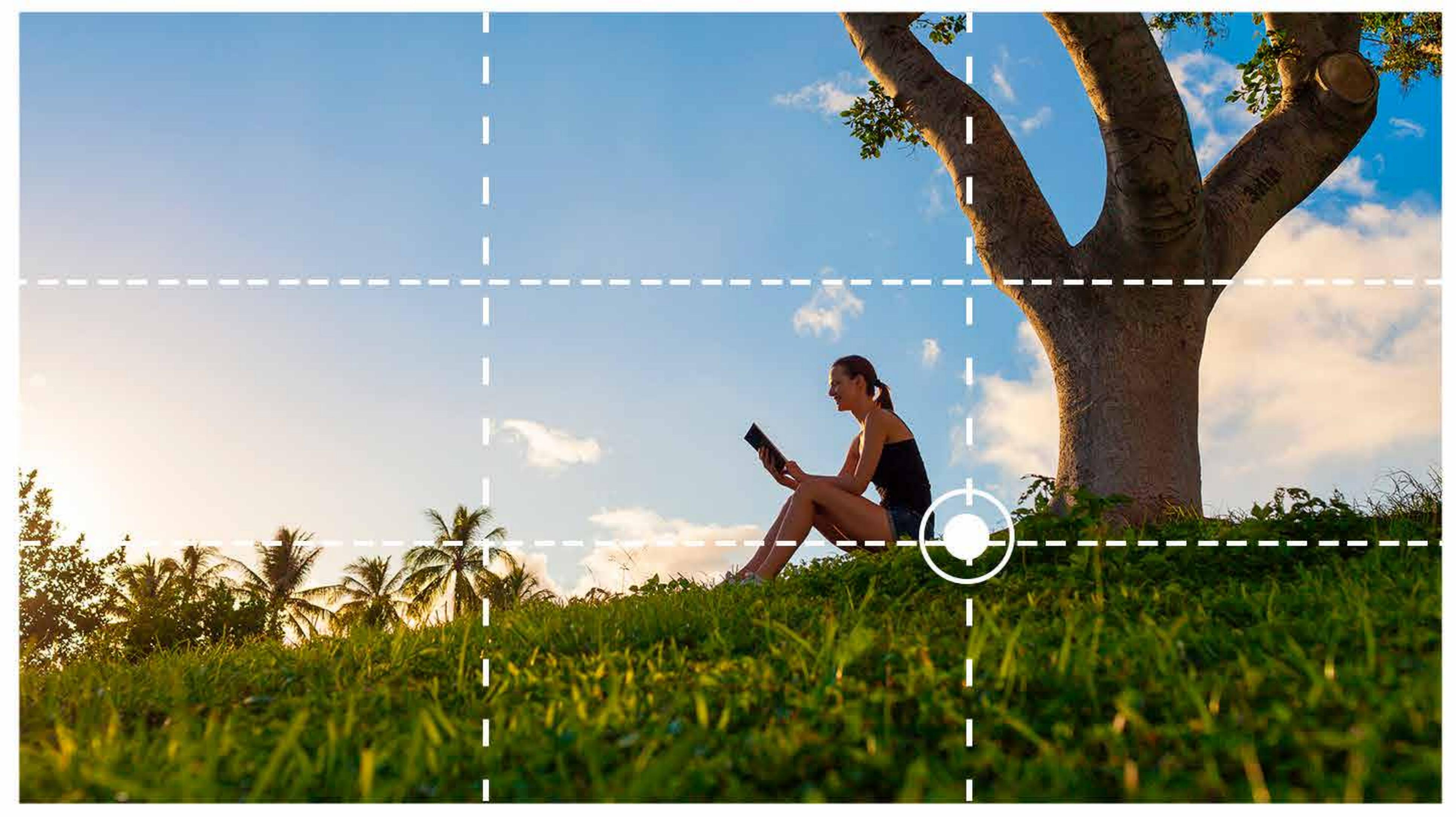
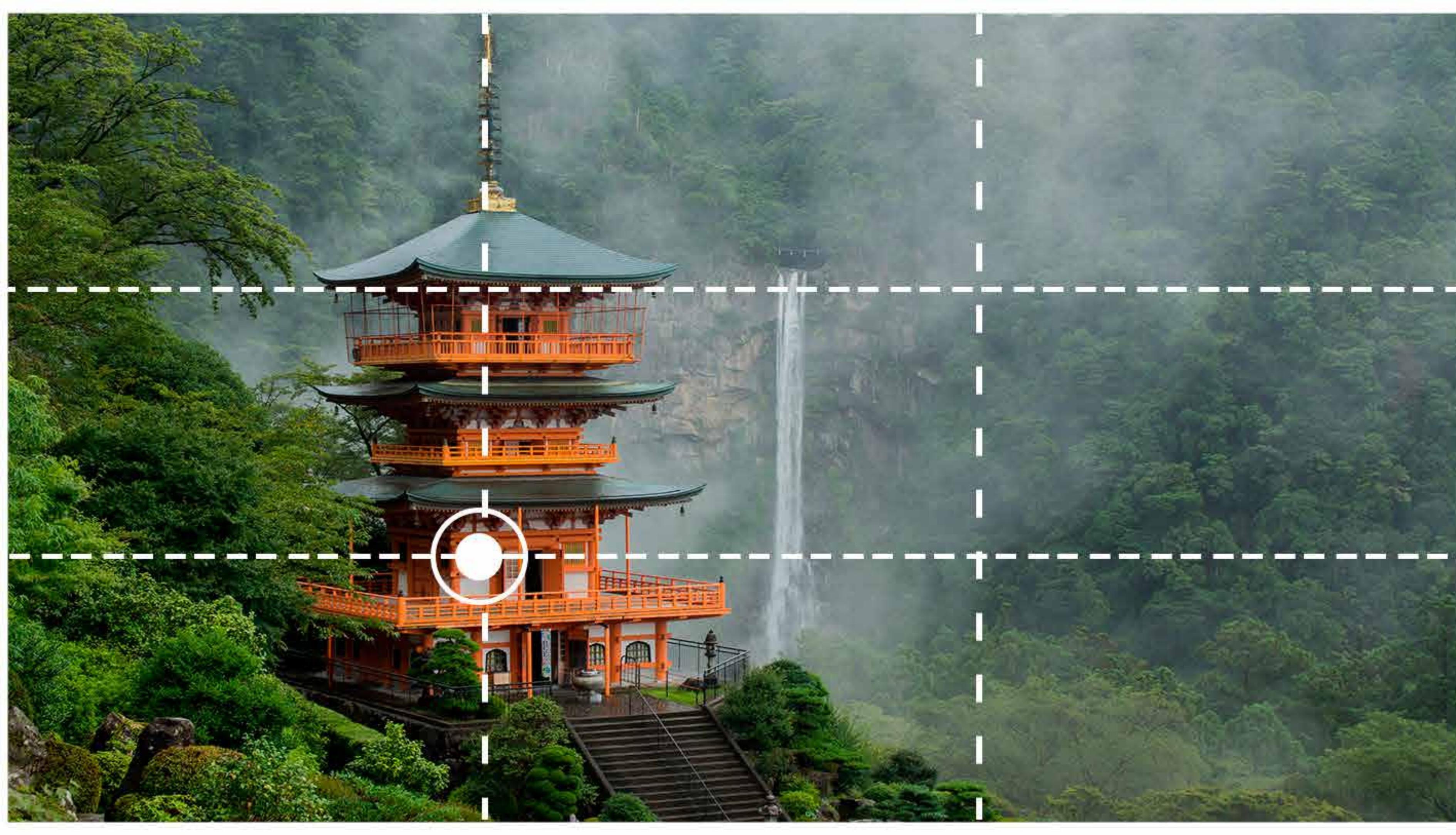


Confira abaixo mais alguns exemplos de aplicação da Regra dos Terços, em imagens no estilo paisagem e retrato.

Abaixo, temos 3 exemplos de imagens na vertical onde claramente a Regra dos Terços foi usada apenas como referência, como eu disse antes, os guides de composição não são regras absolutas e exatas, e não devem ser usados como tal. Então o mais sensato, é entender esses padrões que são na maioria das vezes agradáveis aos olhos do ser humano e aplicá-los conforme a necessidade, funcional e flexivelmente.

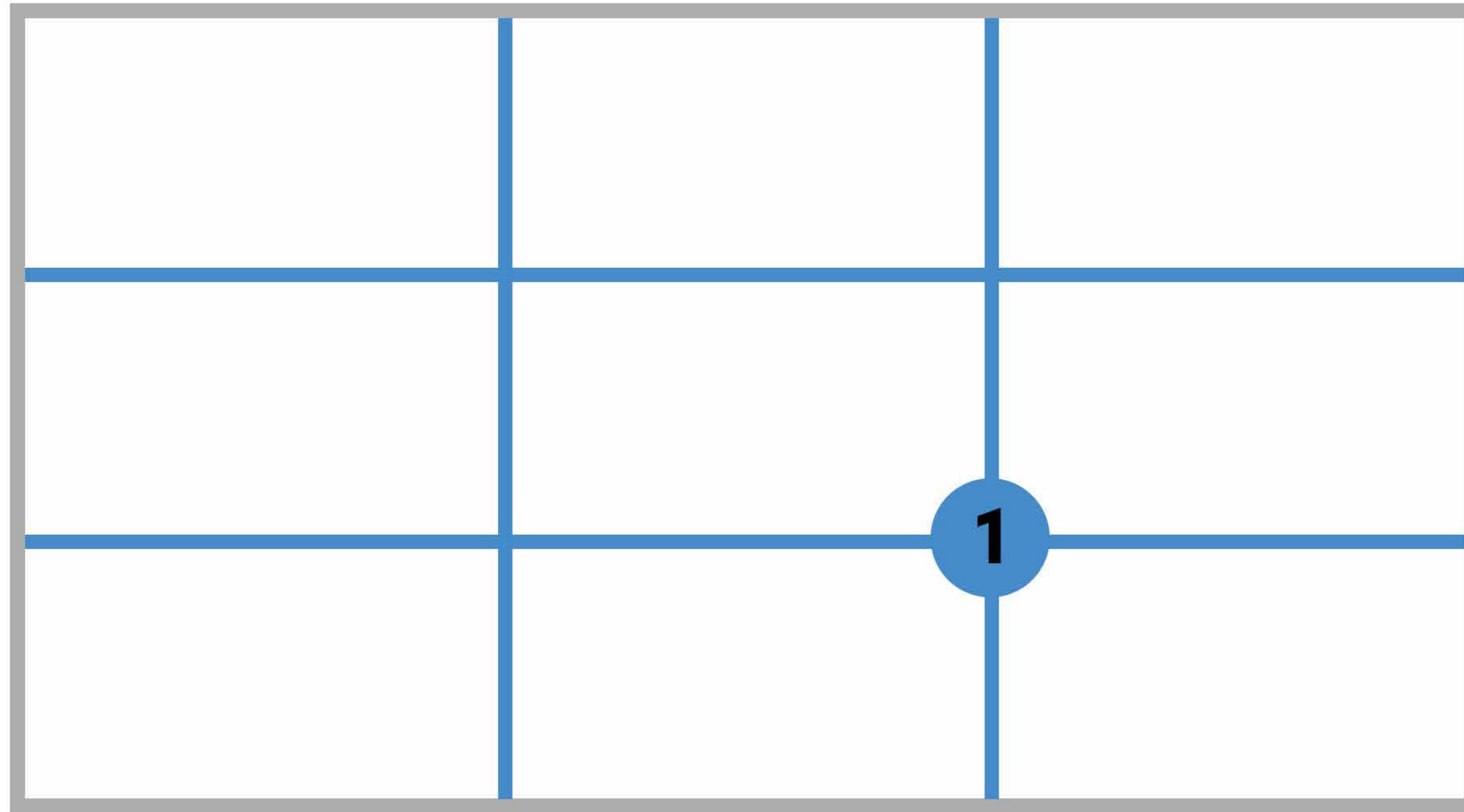


O que eu quero dizer, é que se você tiver que escolher entre uma regra e a beleza, escolha a beleza. Tudo o que fazemos durante o processo de construção de uma imagem é visando atingir o máximo nível de beleza que aquela imagem pode chegar. Confira abaixo, mais quatro exemplos de como a Regra dos Terços pode ser usada.

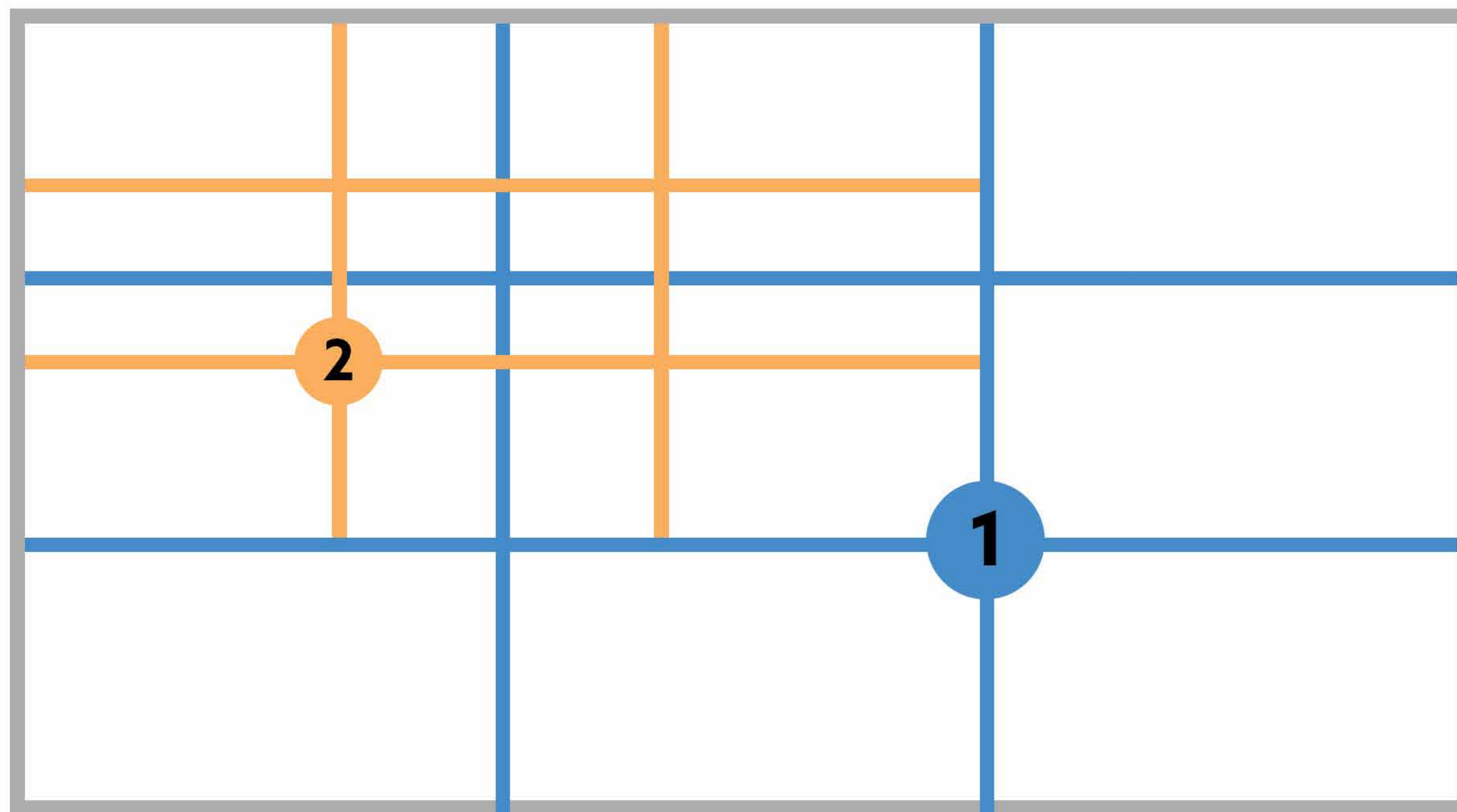


Nesse exemplo vou ensinar como podemos usar a regra dos terços para criar movimento e equilíbrio.

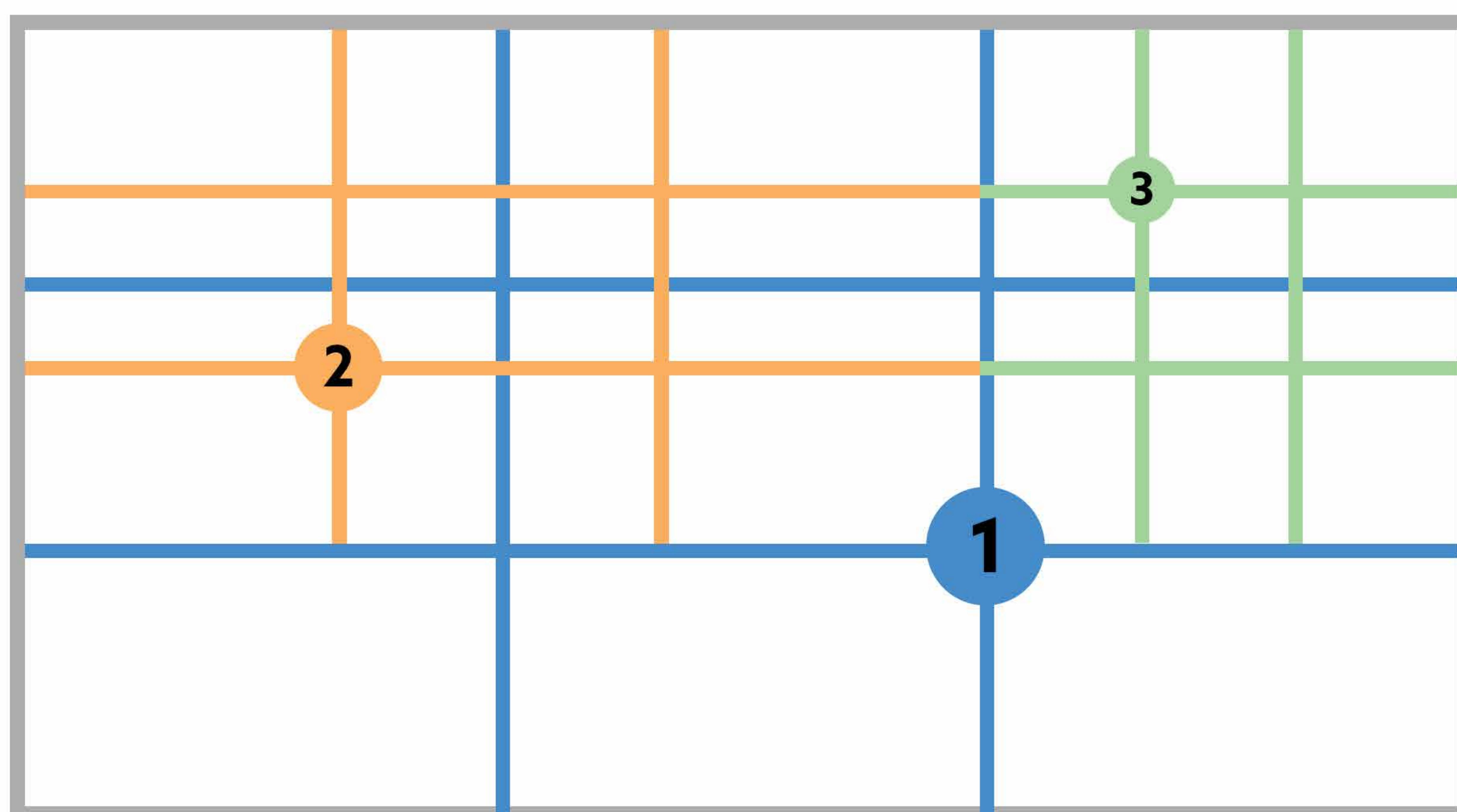
No primeiro quadro abaixo temos a Regra dos Terços simples e os primeiros 4 pontos de convergência, na parte de baixo escolhi a primeira área de interesse da imagem e marquei com o número 1.



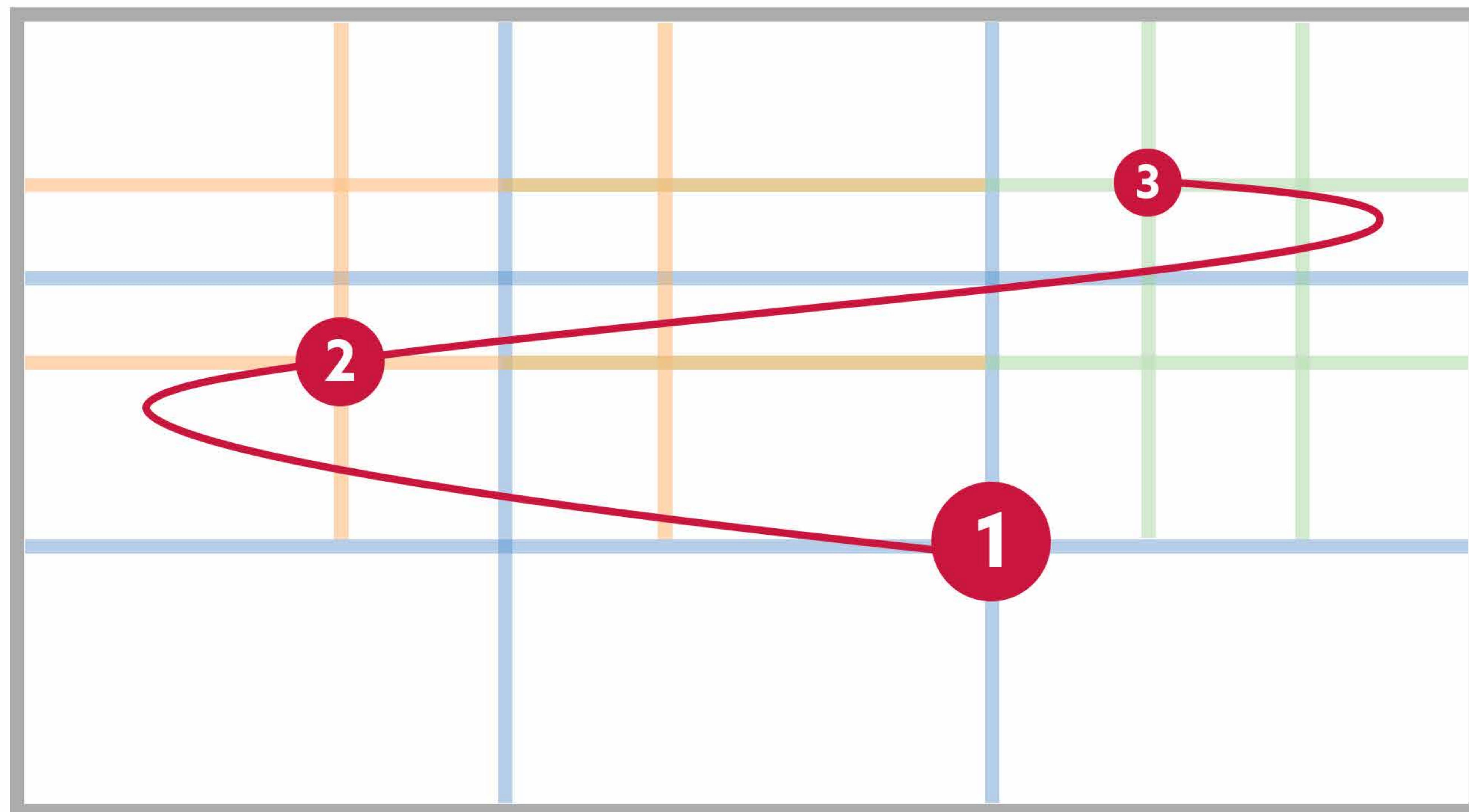
Agora, vou aplicar novamente a Regra dos Terços, dessa vez usando apenas uma parte da área do canvas, e vou escolher um dos pontos de convergência, o qual será a segunda área mais importante na hierarquia dessa composição.



O terceiro e o último passo, é aplicar os Terços mais uma vez, agora do lado direito e na posição vertical, assim como eu fiz no quadro abaixo, desse modo, teremos uma última área de interesse dentro da hierarquia.



Abaixo, criei um exemplo do tipo de movimento que essa aplicação da Regra dos Terços vai nos dar. Como no exemplo abaixo, a ideia é termos não somente uma, mas 3 áreas de interesse, partindo do ponto focal 1, passando pelo 2 e finalmente levando o espectador até o ponto número 3, com essa hierarquia bem definida (ver página nº11), é possível que o espectador comece a ler a história, exatamente a partir da área de interesse que propomos inicialmente, nesse caso, a área 1.

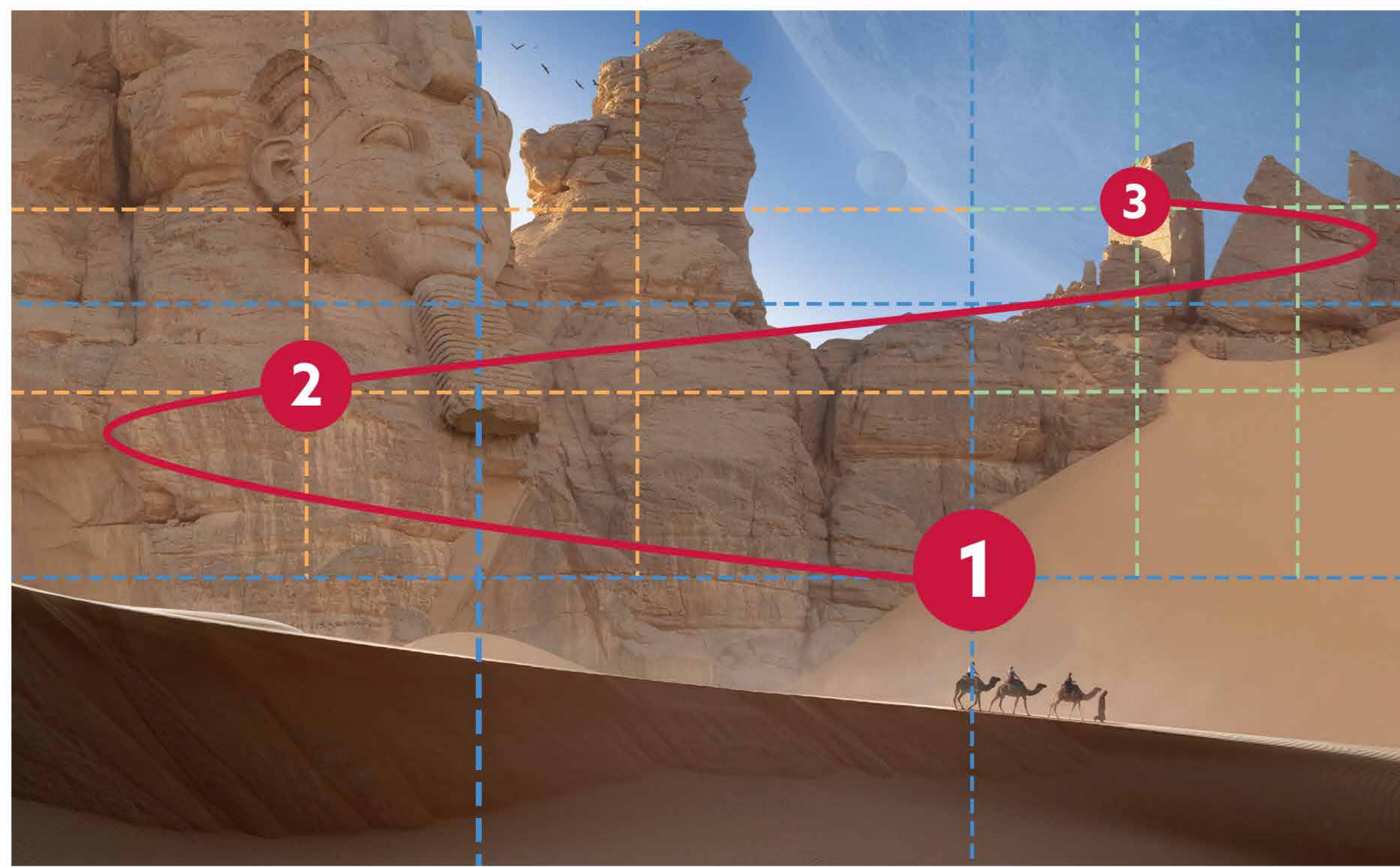


No exemplo abaixo, temos no ponto focal 1, a nossa primeira área de interesse da foto, e nela posicionei o herói da cena, que seria o elemento mais importante de toda a imagem, do lado esquerdo, no segundo ponto focal, coloquei as casas, na tentativa de equilibrar a cena e ainda levar o olhar do espectador até lá (como se fosse um roteiro, lembra?), e finalmente, no ponto focal 3, posicionei as montanhas e o sol, também com o objetivo de criar equilíbrio e através das linhas, levar o espectador a vizualizar toda a imagem.

Esse tour é importante, pois desse modo o artista cria uma experiência visual para quem vê seu trabalho. Levar o espectador a sentir o clima e entender a história, fazendo a leitura de forma coerente, é não só uma arte ou regra, é uma necessidade.



Imagen criada no curso online de Intro a Matte-Painting para Publicidade.
Para maiores informações consulte o meu site www.jackusephot.com

Imagen do meu portifolio (Pilgrins 2016)

Na imagem ao lado, temos mais um exemplo tirado do meu portfolio onde eu apliquei a regra composta dos terços como referência na composição, viabilizando através dos guides, uma leitura fluída e agradável da minha imagem.

Como eu disse anteriormente, se a imagem tem uma história a contar, é importante que a leitura seja feita de forma coerente, e isso só é obtido através de uma composição bem planejada e executada.

CONTRASTE (O PODER DA SILHUETA PARA EVIDENCIAR A AREA DE INTERESSE)

Esse é um dos principais Guides de Composição que eu conheço, se eu tivesse que escolher o Guide mais importante ou criar uma lista dos guides que eu mais gosto de usar como referência, sem duvida nenhuma esse seria o primeiro da lista. Seu funcionamento e aplicação são bem simples, o contraste como guide, consiste em criar uma silhueta entre o background e o foreground, onde o contraste pode ser de luz ou de cores, explico:

Na imagem abaixo, temos um exemplo clássico de silhueta, de uma foto feita no por do sol em condições de luz natural. O que geralmente acontece nesses casos, devido a grande fonte de luz no background e a falta dela no foreground é, obtermos um alto contraste entre o elemento que está próximo da lente e a paisagem, basicamente o hero fica escuro e o background fica claro, evidenciando a silhueta. Veja o exemplo abaixo.



Silhueta criada através do contraste de luz entre o background e o hero.

Dicas de como trabalhar valores da imagem pra obter esse tipo de resultado,
consulte o meu curso online em www.jackusephot.com

Neste outro exemplo, temos novamente a silhueta de luz, mas dessa vez, criada de forma inversa. O background está escuro e o hero iluminado. Desse modo, o contraste conduz de forma objetiva, o nosso olhar diretamente ao ponto focal, o pescador, tirando a nossa atenção das áreas de menor interesse da imagem.

Vale lembrar que, além do contraste de luz, nessa cena, temos também o contraste de cores, haja vista que o hero tem cores predominantemente quentes e o background é frio (laranja e azul).



Silhueta criada através do contraste de luz e cores, entre o background e o hero

Abaixo temos uma imagem do meu portifólio, e esse é um caso muito interessante onde usei o Contraste como referência. Todos os assets tem praticamente as mesmas cores, o que gera o contraste é a diferença de luz do hero, comparado com o restante da cena. Com isso, o guide atua guiando o olhar do espectador até o hero, como no primeiro exemplo, na imagem dos camelos andando no deserto.



Imagen do meu portifólio (Arrivals 2017)

Na imagem a seguir, usei novamente o guide Contraste como referência, com o objetivo de guiar o olhar do espectador até a área de maior interesse. O contraste gerado aqui não é de luz, e sim de cores. Perceba que o mood da cena é totalmente frio, e o hero na cor vermelha cria um contraste de cores entre eles. PAY!



Imagen do meu portifolio (Pixomatic 2017)

LEADING LINES (LINHAS CONDUTORAS OU LINHAS GUIAS)

Vamos falar agora das Leading Lines, um Guide que na minha opinião, também ocuparia os primeiros lugares em uma lista de favoritos. Sim! Esse é um dos guides que mais funciona, então RESPEITA! De igual modo, deve ser o que mais tem causado danos, nos storytellings por ai, e eu explico.

Nosso cérebro adora linhas, e segui-las, é um padrão que acontece automaticamente, tipo TOC sabe? Bom, isso ocorre, como se o nosso cérebro tivesse sido previamente programado, para ao receber essas informações, processar a leitura padrão, sem que haja a necessidade do pensamento. Então, segundo essa forma de pensar, quando nos damos conta, nossos olhos já estão seguindo as linhas e passeando, digamos assim, pela imagem, pela paisagem ou por qualquer que seja a informação visual, que os nossos olhos estão captando e enviando córneas a dentro, para o cérebro.

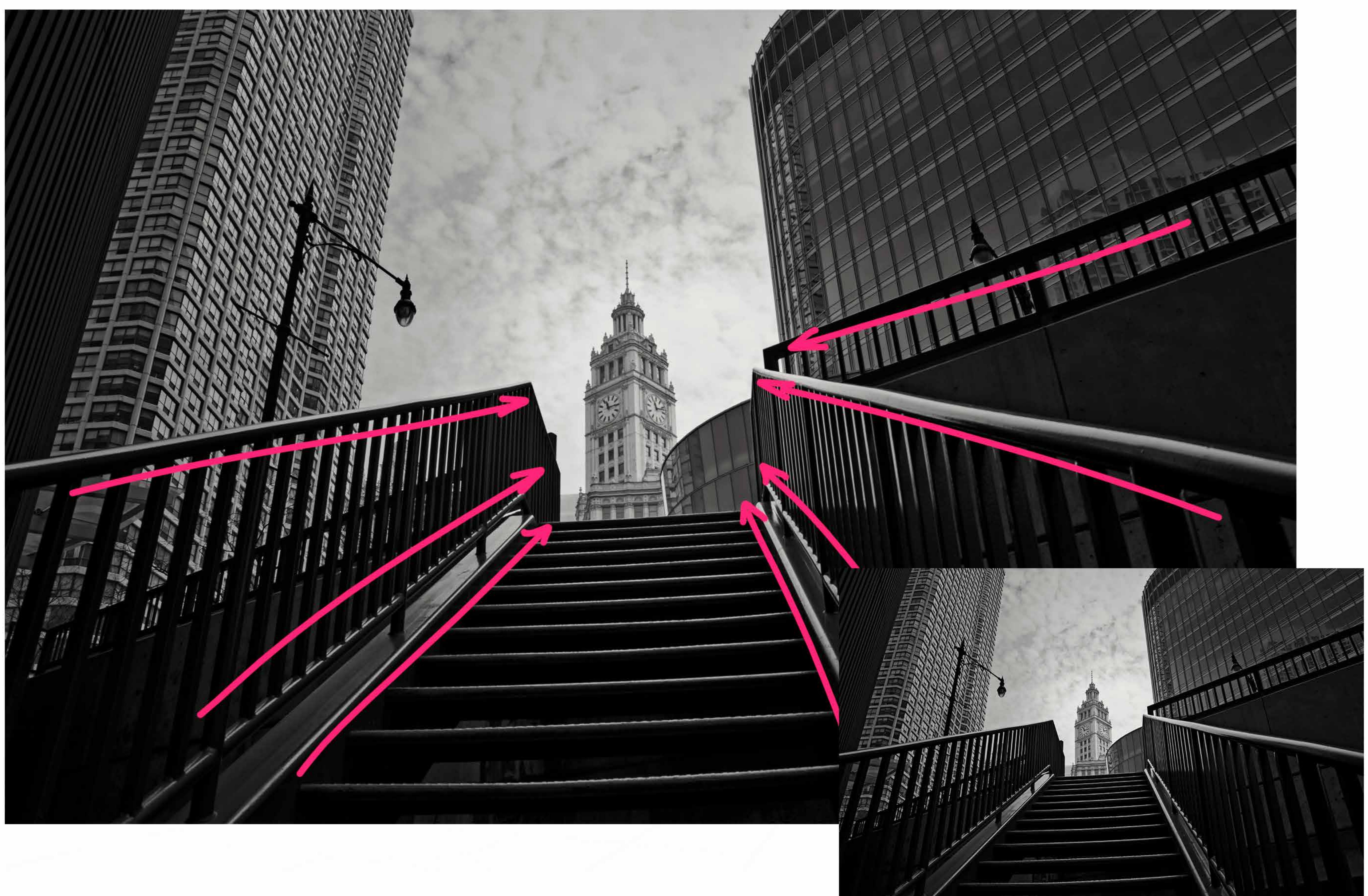
Por isso as Leading Lines são tão poderosas, e ao contrario dos demais guides, quando não levada em consideração, durante o processo de composição, podem determinar se a imagem funciona ou não com relação as linhas, neste modo, as linhas podem guiar o observador através da imagem e assim, permitir a ele concluir a leitura de forma satisfatória ou levar o espectador diretamente pra fora dela, causando estranhamento e incômodo visual. Nesse caso, temos uma imagem que não funciona, uma imagem que não cumpliu um roteiro plausível e que provavelmente não será agradável aos olhos. OK! Uma imagem ruim!

A seguir, farei uma análise abrangente das linhas e de como o nosso olho faz essa leitura em diferentes tipos de imagens, bem como, a forma como eu aplico esse guide no meu trabalho, através de alguns exemplos tirados do meu portifolio. Sigam me os bons!

Nesta foto, vemos claramente como nossos olhos são guiados diretamente para os fios de cabelo jogados no ar, os quais funcionam como linhas orgânicas, que guiam o olhar para os cabelos da cabeça.




Nesse exemplo, temos linhas dinâmicas e mais agressivas do que no exemplo anterior. Perceba como as linhas nos levam quase que diretamente ao ponto de interesse da cena, que nesse caso é o prédio no centro, o hero.



Esta cena é o exemplo perfeito de um Leading Line em pleno funcionamento. E digo isso por que, apesar dos volumes criados pelas luzes e sombras no primeiro plano da imagem, nossos olhos são levados diretamente a área de maior interesse da foto, o castelo. Por isso se diz que fotografias com trilhas, caminhos, estradas e etc... dificilmente ficam ruins.



Nesse caso, temos linhas orgânicas formadas pelas cordas em movimento, que assim como as linhas de uma estrada, nos levam direto para o hero da cena.



Essa imagem funciona por dois fatores, além da silhueta produzida pelo contraste entre o background e as modelos, vemos também como as linhas convergem para elas, deixando a leitura da cena muito mais dinâmica e fácil. Que maravilha!




Nessa imagem, perceba que as janelas formam linhas continuas, que vem crescendo através da perspectiva da cena, até chegarem ao corpo da modelo, que também forma linhas. Como eu amo esse Guide! Puts!!

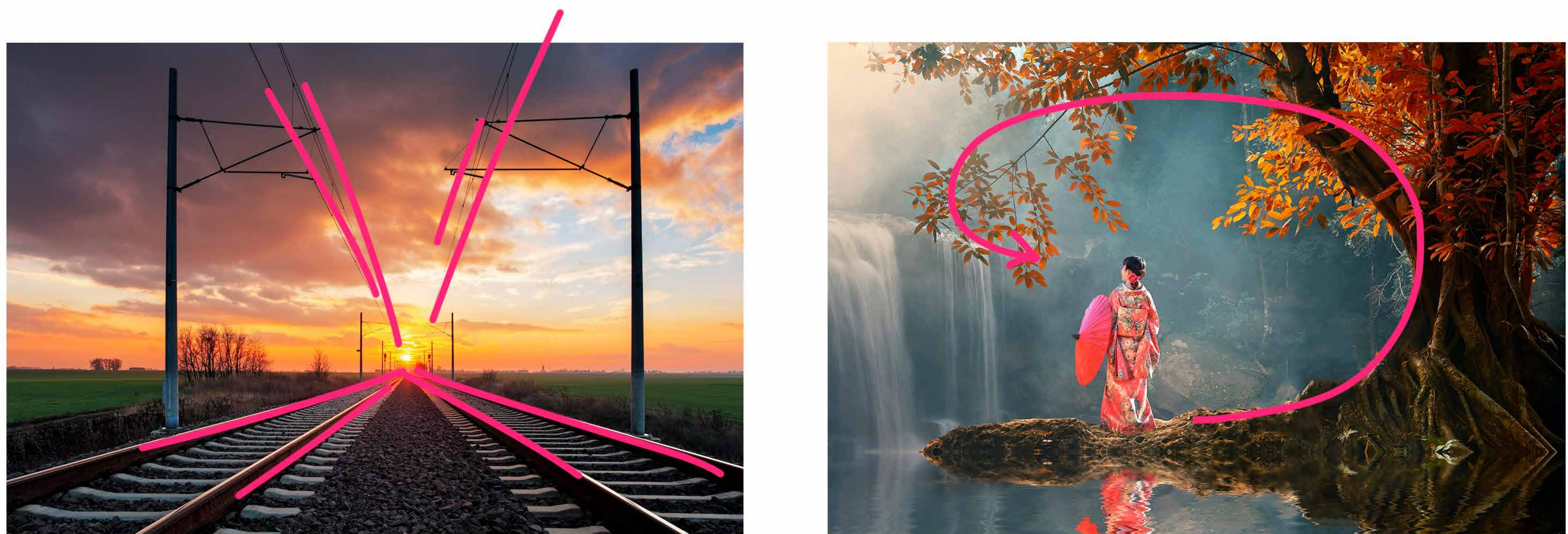


Nesse exemplo, fica ainda mais explícito o quanto esse guide funciona, quando pensado e aplicado corretamente. Perceba como as linhas formadas pelas nuvens no céu, convergem diretamente em direção à construção e por isso a imagem como um todo funciona, a imagem é tão agradável que poderíamos ficar olhando por horas. Isso é o que eu chamo de uma história bem contada através dos guides.

Uma composição fluída, está diretamente ligada a eficiência dos guidelines de composição e sua aplicação, sabendo disso, é de suma importância que o artista tenha um mindset bem alinhado a esses guides.



Esses são outros exemplos fotográficos, de como as linhas podem convergir para área de interesse de uma cena, e atuar para que a composição seja fluída e a história seja contada de forma coerente e agradável, por mais simples que ela seja.



Vamos ao último exemplo. Basicamente o que eu fiz aqui, foi posicionar o hero, estruturando a composição para que a estrada levasse o olhar do espectador de volta pra ele.

Em tese, sabemos que as imagens são lidas da esquerda para direita, isso não quer dizer que o artista não possa levar o espectador por um roteiro diferente do padrão, como nessa imagem por exemplo. É possível que eu tenha conseguido fazer com que o espectador começasse a leitura da cena pela direita, por causa das linhas formadas pela estrada de terra, e dali fosse levado até o fazendeiro (que é o hero da minha cena), em seguida, pego carona nas linhas daquela estrada mais ao fundo, levando o seu olhar até aquela fazenda amigável no topo da colina, e por último seguisse os highlights até o sol. O que eu quero mesmo é que o observador sinta o calor do sol, o cheiro do orvalho e pra dar tempo disso acontecer, eu tento iludí-lo usando os guides, para mantê-lo o maior tempo possível olhando pra cena.

Esse tour, é um bom exemplo de como podemos pensar a composição para que as linhas funcionem, e a mensagem seja entregue com o mínimo de ruído e o máximo de clareza possíveis, de forma simples e fluída.

Imagen do meu portifolio (*The Farmer 2017*)



Comportamento das Linhas



Veja mais do meu trabalho e cursos em:

www.jackusephot.com

be.net/jackusephot

facebook.com/jackusephot